



**GIOVANNI
BOCCACCIO**

**AS DEZ MELHORES
HISTÓRIAS DO
DECAMERÃO**

ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO
MARCO LUCCHESI

COLEÇÃO
**BIBLIOTECA
DIAMANTE**





**GIOVANNI
BOCCACCIO**

**AS DEZ MELHORES
HISTÓRIAS DO
DECAMERÃO**

ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO
MARCO LUCCHESI

TRADUÇÃO DE
RAUL DE POLILLO

COLEÇÃO
**BIBLIOTECA
DIAMANTE**



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.

Rua Candelária, 60 – 7º andar – Centro – 20091-020

Rio de Janeiro — RJ — Brasil

Tel.: (21) 3882-8200

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Boccaccio, Giovanni, 1313-1375

As dez melhores histórias do Decamerão / Giovanni Boccaccio; organização e apresentação
Marco Lucchesi; [tradução Raul de Polillo]. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. –
(Coleção Biblioteca Diamante)
128 p.

ISBN 978-65-5640-271-0

1. Ficção italiana I. Lucchesi, Marco. II. Título III. Série.

21-60705

CDD-853

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura italiana 853

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

SUMÁRIO

DEZ NOVELAS, UM POETA · MARCO LUCCHESI

PRIMEIRA JORNADA · PRIMEIRA NOVELA

QUINTA JORNADA · NONA NOVELA

SEGUNDA JORNADA · QUINTA NOVELA

QUARTA JORNADA · QUINTA NOVELA

SEXTA JORNADA · DÉCIMA NOVELA

TERCEIRA JORNADA · PRIMEIRA NOVELA

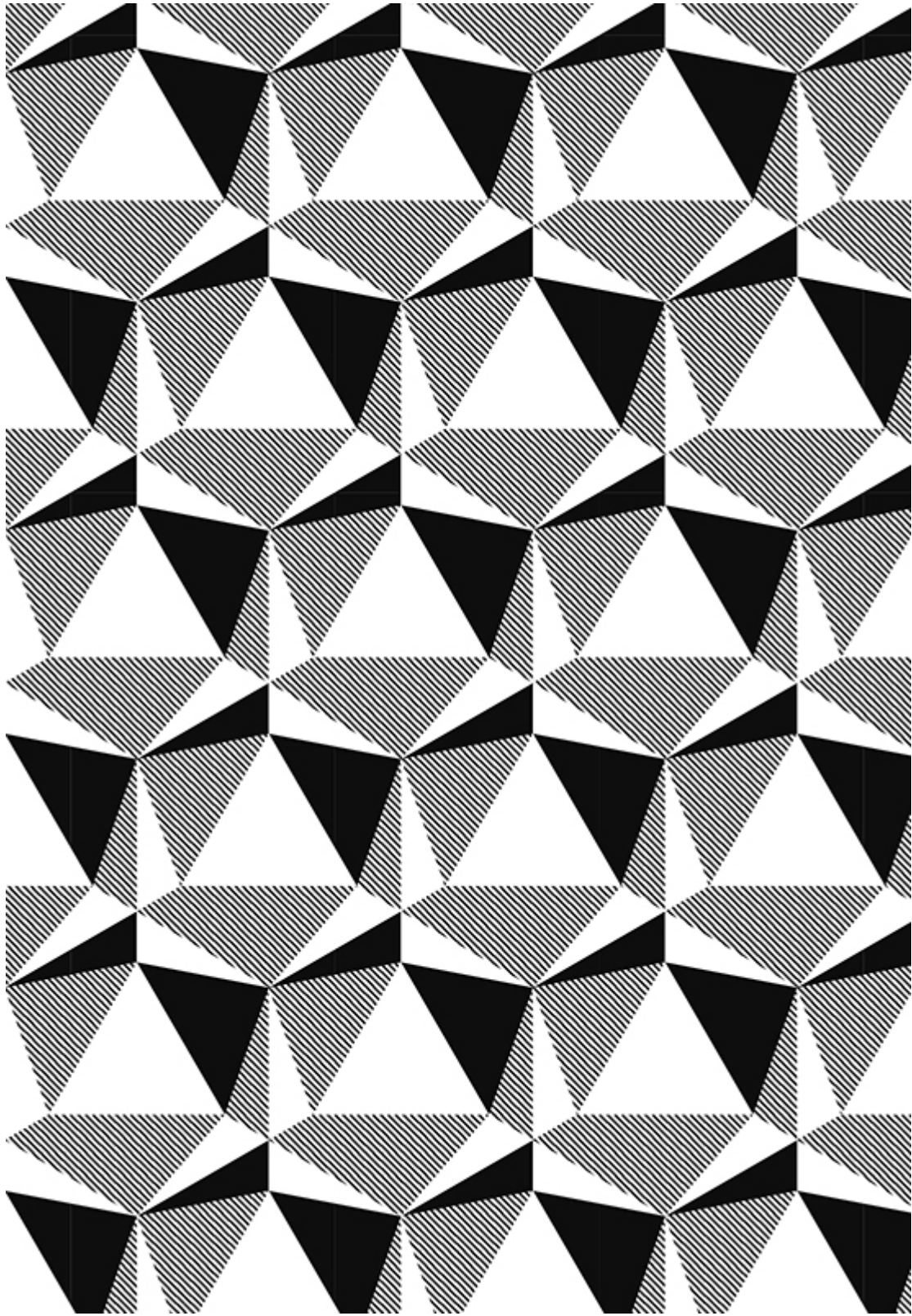
QUINTA JORNADA · OITAVA NOVELA

NONA JORNADA · SEGUNDA NOVELA

QUINTA JORNADA · QUARTA NOVELA

SETIMA JORNADA · DÉCIMA NOVELA

SOBRE O AUTOR



DEZ NOVELAS, UM POETA

MARCO LUCCHESI

O *Decamerão* de Boccaccio é capítulo essencial da História do Ocidente. E me refiro ao núcleo do Humanismo, aos prelúdios do Renascimento. Trata-se da reconquista da prosa, a narrativa do mundo e sua translação, em torno da palavra. Um gesto que ilumina parte de nossa herança: as formas simbólicas, o lugar da cultura e da ciência. Em outras palavras: o poder soberano da literatura. Um mundo novo, a divina mime-se, como disse Pier Paolo Pasolini.

Prosa aberta e onidirecional. Eis o dinamismo da obra de Boccaccio: cresce na frase o batimento cardíaco, a métrica estendida, a solidariedade narrativa, que ordena e distribui, dissolve e coagula, a experiência da sintaxe, enquanto paisagem verbal, como tessitura robusta e delicada.

A prosa doma o silêncio, empresta-lhe novo destino. O volume de silêncio nasce do contexto que o circunscreve. Irrompe como contracanto, na ironia, no contexto, de quanto se insinua, a arte de dizer o que não se diz, nos vários níveis do discurso. Boccaccio — com um sorriso nos lábios, entre simpatia e compaixão — tece e destece a ambiguidade, as dobras do coração e da palavra, em diálogo ou solilóquio.

A prosa de Boccaccio avança por terra e mar: como *nunca dantes*. Nostalgia do mais. Saudade do infinito. Novelas que movem o sol e as estrelas. O Céu agora passa para a Terra. A fome da totalidade é seu motor primeiro. A humana condição já não tem fim. Boccaccio aposta na inscrição do mundo, nas demandas semânticas, novas e ousadas. Parte da nomeação do universo inflacionário. Diríamos hoje, em chave metafórica, o desvio para o vermelho, a fuga das galáxias.

O *Decamerão* é fruto da polifonia. Intensa e bela, de que descendem Shakespeare, Balzac e Dostoiévski. A potência da linguagem opera agora em seus limites: roça a pele vibrátil do mundo, alterno e vasto, poroso e descontínuo. E desafia sem piedade os inquilinos do tempo.

Boccaccio compara seu trabalho ao do pintor, na escolha e na fabricação dos pigmentos, na gradação da cor e no relativo campo de visão. A obra de arte adquire estatuto próprio, um fim em si mesmo, esse caráter autotélico da arte, consagrado nos tempos modernos.

Não se deve, contudo, perder de vista algo iluminador: Boccaccio é o grande poeta que escreve em prosa. A força da poesia inaugura novas formas de apropriação, intensidade e sinergia da matéria narrada. Suas novelas guardam um frescor incomparável, juventude que não passa, condensado de beleza e variação: nas cenas de erotismo ou misticismo, na burla impiedosa, na tristeza mais sublime, ou na vitória, afinal, da inteligência frente ao destino, antecipando algo da virtude e da fortuna, em Maquiavel.

As dez novelas selecionadas obedecem a um critério de variação de meios expressivos, cuja moldura de fundo é a Peste de 1348. O gradiente variável e afetivo de um Boccaccio que leio desde jovem e ao qual dediquei tantas leituras.

As dez novelas declaram que a arte pode mais que a morte. Qualquer analogia ou semelhança com os tempos que correm não é mera coincidência, mas um apelo ou clamor à defesa dos valores que regem nossa vida.

A poesia de Boccaccio, ele mesmo artífice de águas claras, amigo epistolar de Petrarca e leitor entusiasmado de Dante, apresenta suas melhores credenciais.

A primeira prosa dos tempos modernos respira a poesia secreta do mundo que ele tanto amou, quando se dispôs a inscrevê-la num âmbito indelével: no eterno presente da leitura.

PRIMEIRA JORNADA

PRIMEIRA NOVELA

Conta-se, pois, que Musciatto Franzesi,¹ grande e riquíssimo comerciante da França, se tornou cavaleiro. Teve ele de rumar para a Toscana, em companhia do sr. Carlos Senterra,² irmão do rei de França, que fora chamado pelo papa Bonifácio³ e que se prontificara a responder ao apelo. Percebeu, porém, que os seus negócios, como muitas vezes acontece com os assuntos dos comerciantes, se achavam muito atrapalhados, ora aqui, ora acolá; não era possível resolvê-los com rapidez, e menos ainda de supetão. Pensou, pois, em entregá-los a várias pessoas. E para todos os assuntos encontrou saída e solução. Em dúvida, somente lhe ficou o caso da pessoa a quem pudesse deixar procuração suficiente para recuperar os empréstimos por ele feitos a numerosos borgonheses. A causa da dúvida residia no fato de ele saber que os borgonheses eram homens briguentos, de má condição e sobretudo desleais. Não lhe ficara na memória homem algum que fosse tão malvado (e no qual ele pudesse depositar alguma confiança), a ponto de valer a pena de o opor à malvadez dos borgonheses.

Depois de pensar longamente sobre isto, ocorreu-lhe ao espírito a existência de um sr. Ciappelletto,⁴ de Prato, que costumava abrigar-se constantemente em sua casa, em Paris. O sr. Ciappelletto era homem de pequena estatura, mas muito bem-proporcionado e bem-posto. Os franceses, não sabendo o que *ciapperello* significava, e supondo que quisesse dizer chapéu, isto é, guirlanda, de acordo com o linguajar comum deles, passaram a chamá-lo, não Ciappello, e sim Ciappelletto. E por Ciappelletto ele se tornou conhecido por toda parte, ao passo que bem poucos o identificavam como sendo o sr. Ciapperello.

Ciappelletto era desta vida. Sendo notário, sentia enorme vergonha quando um dos seus documentos era considerado outra coisa que não falso (como se fossem poucos os que assim fazia). De tais documentos falsos, ele

sentia-se capaz de fazer tantos quantos lhe fossem pedidos; e com mais prazer ainda fazia os que dava de graça, do que aqueles pelos quais o pagavam, mesmo generosamente. Prestava depoimentos falsos em juízo, com enorme deleite, quando era e também quando não era solicitado.

Naquele tempo, na França, dava-se fé indiscutível aos juramentos. E, como ele não se importava de jurar falso, acabava ganhando, por esperteza, tantas questões quantas fossem aquelas em que o chamavam para dizer a verdade, sobre a sua fé de notário. Sentia prazer extraordinário em provocar, entre amigos e parentes, e entre quaisquer outras pessoas, desavenças, inimizades e escândalos. E nisto se empenhava com verdadeiro afínco. Quanto maiores eram os males que aos atos se seguiam, tanto maior se tornava a sua alegria. Se o convidavam a participar de um homicídio, ou de qualquer outra forma de delinquência, nunca deixava de aceder; aliás, de muito boa vontade é que participava. Muitas e muitas vezes se viu, de bom grado, ferindo e matando homens com as próprias mãos.

Fizera-se incorrigível blasfemador de Deus e dos santos. Por qualquer nonada, mostrava-se tão iracundo, como os que mais o fossem. Não costumava ir à igreja. Escarnecia de todos os seus sacramentos, com palavras abomináveis, como se se tratasse de coisa mais do que vil. Em contraposição, visitava e frequentava, de muito boa vontade, tavernas e outros lugares desonestos. Gostava de mulheres como os cães gostam de bengalas. Do contrário é que, mais do que qualquer outro viciado, obtinha deleite. Podia enlear e roubar, com a consciência tão tranquila como a de um santo homem. Guloso, grande bebedor, por vezes até chegava a mostrar-se contrariado com semelhante conduta dele próprio, de tal ordem eram os exageros a que se deixava arrastar. Jogava aos dados, e todos sabiam que lançava à mesa dados viciados. Mas por qual razão me estendo eu tanto a este propósito? Ele era o pior homem jamais vindo à luz. Foi a perversidade dele que, por longo tempo, sustentou o poderio e os bens do sr. Musciatto. Por esta razão, muitas vezes se viu recompensado, tanto pelas pessoas às quais muito frequentemente prejudicara, como pela corte, à qual continuava a prejudicar.

Assim, caindo este sr. Ciapperello nas graças do sr. Musciatto, que tão bem lhe conhecia a vida, o referido sr. Musciatto pensou: “Ele deve ser tal e qual como convém à malvadez dos borgonheses.” Por isso, mandou chamá-lo, e disse-lhe:

— Sr. Ciappelletto: como você sabe, estou para me retirar definitivamente daqui. Tendo, entre outras coisas, de lidar com os borgonheses, que são homens enganadores, não sei de pessoa melhor do que você, a quem eu possa deixar o encargo de receber o que me devem. Em consequência, como é verdade que você nada tem a fazer, agora — e queira você compreender bem isto — eu pretendo esforçar-me para que você obtenha favores da corte, a fim de lhe dar, daquilo que conseguir resgatar, a parte que se combinar.

O sr. Ciappelletto sentiu-se, assim, desempregado e mal servido das coisas do mundo. Vendo retirar-se aquele que por longo tempo fora o seu sustentáculo e o seu apoio, decidiu-se pela afirmativa, sem hesitação alguma, e até quase constrangido a isso pela necessidade. E disse que aceitava de bom grado. Estabeleceu-se, pois, o acordo. Depois de receber a procuração e as cartas favoráveis do rei, o sr. Ciappelletto rumou para a Borgonha, assim que o sr. Musciatto partiu. Na Borgonha, quase ninguém o conhecia. Ali, contrariando a própria índole, começou, com atitudes bondosas e mansas, a querer receber e a fazer aquilo que lá fora realizar. Era quase como se estivesse reservando a ira para o fim.

Aconteceu que, assim fazendo, e acolhendo-se em casa de dois florentinos, irmãos entre si, ele, o sr. Ciappelletto, adoeceu. Os dois irmãos florentinos faziam empréstimos de usurário e manifestavam grande respeito para com o sr. Ciappelletto, por amor do sr. Musciatto. A bem do sr. Ciappelletto, os dois irmãos mandaram sollicitamente chamar médicos para o curar, domésticos para o servir e tudo o mais que se tornasse oportuno para a recuperação da sua saúde. Todo auxílio, porém, foi baldado. O pobre homem, que já era velho e tinha vivido desregradamente, ia — ao que os médicos diziam — de mal a pior, dia após dia. Era como se tivesse, no corpo, o mal da morte. Disso, os dois irmãos se condoíam profundamente. E, um dia bem perto do quarto dentro do qual o sr. Ciappelletto jazia enfermo, eles, entre si, começaram a raciocinar da seguinte maneira:

— Que é que vamos fazer — dizia um irmão ao outro — com este homem? Temos, em nossas mãos, um péssimo negócio, no que se relaciona com ele. Mandá-lo embora desta casa, doente como está, seria o mesmo que provocar as gerais reprovações: seria, além disso, sinal manifesto de pouco juízo. O povo viu que nós o recebemos antes e que o fizemos servir e medicar sollicitamente. Agora, sem ter ele feito coisa alguma que nos pudesse desagradar, não acharia justo mandá-lo embora, assim de súbito, da nossa

casa, estando ele enfermo de morte. De outra banda, ele tem sido homem tão mau, que não poderá confessar-se, nem receber qualquer sacramento da Igreja. Se, porém, ele morrer sem confissão, nenhuma igreja quererá receber-lhe o corpo. Ora: não sendo absolvido, por não se confessar, ele será da mesma forma atirado às valas comuns. Se isso acontecer, o povo desta terra se erguerá em clamor e gritará: “Estes cães de lombardos,⁵ que não quiseram comparecer à igreja, não a querem mais sustentar.” Os elementos do povo correrão às nossas casas, e, sem dúvida, não somente nos roubarão os haveres, mas também nos tomarão, além disso, as pessoas. Isso ocorrerá porque a nossa ocupação se afigura, ao povo, extremamente iníqua; tanto é assim que o dia todo as gentes falam mal dela. Ademais, o povo tem vontade de nos roubar. Portanto, nós estaremos em maus lençóis, em qualquer alternativa, se este sujeito morrer.

O sr. Ciappelletto — que, como dissemos, se encontrava deitado perto do lugar onde os dois irmãos conversavam — tinha ouvido apurado, como várias vezes vemos que os enfermos têm. Ouviu, pois, o que os dois irmãos diziam dele. Por isso, mandou chamá-los. E disse-lhes:

— Não quero que vocês duvidem seja lá do que for, que se refira a mim; nem que vocês tenham receio de sofrer qualquer prejuízo, por minha causa. Ouvi o que vocês falaram a meu respeito. Estou certíssimo de que aconteceria o que vocês temem que aconteça, se as coisas corressem como vocês presumem. As coisas, porém, correrão de maneira diversa. Em vida, pratiquei tantas injúrias a Deus Nosso Senhor que, se eu Lhe fizer mais uma, agora, no momento da minha morte, nenhuma diferença isso constituirá. Portanto, tratem de fazer vir para cá um frade, santo e valoroso — o mais santo e valoroso que puderem encontrar, se é que algum existe nessas condições. E deixem o caso entregue a mim. Eu arrumarei, com firmeza, os negócios de vocês; e os meus também; e o farei por tal forma, que tudo ficará bem e que vocês passarão a sentir-se contentes.

Os dois irmãos não depositaram muita esperança nesse plano. Mesmo assim, dirigiram-se a um mosteiro de frades, onde pediram que algum homem, santo e sábio, fosse ouvir a confissão de um lombardo que se achava doente em sua residência. Foi-lhes apresentado um frade antigo, de vida bondosa e santa, grande intérprete das Escrituras, religioso muito venerável, para com o qual todos os cidadãos manifestavam devoção especial e enorme. E os irmãos florentinos o levaram consigo.

Em chegando ao quarto onde o sr. Ciappelletto jazia, e sentando-se ao lado do enfermo, o frade, de início, passou a confortá-lo. A seguir, perguntou-lhe quanto tempo se havia passado desde que fizera a sua confissão anterior. A isto, o sr. Ciappelletto, que nunca se confessara, respondeu:

— Meu padre! O meu costume é o de confessar-me pelo menos uma vez, todas as semanas; são numerosas as semanas em que me confesso mais vezes. É verdade que, depois que adoeci, há coisa de uns oito dias, não me tenho confessado. Pense o senhor em quanto aborrecimento esta enfermidade me vem causando!

Disse o frade:

— Meu filho. Muito bem fez você, e assim deverá fazer daqui por diante. Vejo que, uma vez que com tanta frequência costuma confessar-se, pouco trabalho terei ao ouvir e ao perguntar.

Esclareceu o sr. Ciappelletto:

— Senhor frade! Não diga isso! Eu nunca me confessei tantas vezes, nem com tanta frequência, como eu sempre teria gostado de me confessar, em sentido geral, de todos os pecados que cometi e de que consigo recordar-me, desde o dia em que nasci até aquele em que me confessei pela última vez. Por isso, suplico-lhe, meu bom frade, que me pergunte meticulosamente a respeito de tudo. Faça como se eu nunca me houvesse confessado. Não tenha contemplações, por estar eu enfermo. Prefiro impor desprazeres a estas minhas carnes, a praticar qualquer ato que, dando-lhes vantagem, possa constituir perdição para a minha alma, que o meu Salvador redimiou com o seu sangue precioso.

Essas palavras agradaram muito ao santo homem, afigurando-se lhe que resultassem de espírito bem-disposto. Depois de louvar, ao sr. Ciappelletto, esse seu costume de confessar-se, começou perguntando-lhe se ele alguma vez pecara por luxúria, com alguma mulher. Ao que o sr. Ciappelletto, suspirando, respondeu:

— Meu padre! Quanto a isto, envergonho-me de lhe dizer a verdade, pois temo pecar por vanglória.

Ao que o santo frade disse:

— Fale com segurança, porque, dizendo a verdade, nem na confissão, nem em qualquer outro ato, ninguém pecou jamais.

Disse, então, o sr. Ciappelletto:

— Uma vez que o senhor assim me assegura, di-lo-ei. Eu sou tão virgem como saí do corpo de minha mãe.

— Oh! Bendito seja você a Deus! — exclamou o frade. — Como você procedeu bem! Assim procedendo, tanto mais você mereceu quanto mais, se o quisesse, você teria podido dispor do arbítrio de fazer o contrário, coisa de que nós, os frades, não dispomos, e de que nem dispõem os outros homens que se encontram sujeitos a alguma disciplina.

Depois disso, o frade perguntou ao enfermo se, pelo pecado da gula, havia desagradado a Deus. A isso, suspirando profundamente, o sr. Ciappelletto respondeu que sim. Pecara muitas vezes. Porque, além dos jejuns das quaresmas, que as pessoas devotas fazem todos os anos, ele, pelo menos três dias por semana, costumava jejuar, alimentando-se apenas de pão e água. Mas bebia água com aquele deleite e com aquele apetite que os grandes bebedores de vinho manifestam. Esse deleite se tornava ainda mais acentuado, principalmente depois da realização de alguma tarefa extenuante, ou depois de adorar, ou depois de peregrinar. Muitas vezes desejara ter pequenas saladas modestas, de ervas, como as que fazem as mulheres, quando vão à vila. Algumas vezes, o ato de comer se lhe afigurara muito mais gostoso do que deveria parecer a quem jejua por devoção, como ele jejuava. Ao que o frade observou:

— Estes pecados são coisa natural e, de resto, são muito brandos. Não quero que você os faça pesar, na sua consciência, mais do que deve. A todo homem, por mais santo que seja, acontece parecer-lhe, depois do jejum, muito gostoso o ato de mastigar; e, depois da fadiga, o ato de beber.

— Oh! — exclamou o sr. Ciappelletto. — Meu frade! Não me diga isso apenas para me consolar. Bem sabe que eu sei que as coisas que se fazem a serviço de Deus devem ser todas feitas com pureza, e sem qualquer hesitação da alma. Seja quem for que proceda de modo diverso, peca.

Contentíssimo, o frade declarou:

— E eu me sinto satisfeito pelo fato de assim serem as coisas compreendidas por sua alma. Agrada-me imensamente a sua consciência, boa e pura, a tal respeito. Diga-me, porém: por avareza, não terá você pecado, desejando mais do que o conveniente, ou retendo aquilo que você não deveria reter?

Ao que o sr. Ciappelletto disse:

— Meu padre! Eu não apreciaria que o senhor me perguntasse o motivo pelo qual eu me encontro em casa desses usurários. Nada tenho com eles. Ao contrário. Eu até viera por dever de admoestá-los e de castigá-los, a fim de os tolher dessa ganância abominável. Creio que teria conseguido o meu intento, se Deus não me houvesse visitado por esta maneira. Contudo, o senhor precisa saber que meu pai me deixou rico; dos meus haveres, assim que ele faleceu, dei a maior parte a Deus. Depois, para o sustento da minha vida, bem como para poder ajudar os pobres de Cristo, fiz as minhas pequenas barganhas; nelas, desejei ganhar alguma coisa; o que ganhei, sempre reparti, meio a meio, com os pobres de Deus. Apliquei a minha metade nas minhas necessidades; a outra metade, dava-a aos pobres. Por isto, o Criador me ajudou tanto que eu sempre fiz os meus negócios em condições cada vez melhores.

— Fez você muito bem — aprovou o frade. — Mas com que frequência se tem você deixado inflamar pela ira?

— Oh! — esclareceu o sr. Ciappelletto. — É preciso que eu bem lhe diga que muito me deixei levar pela ira. Mas quem poderia conter-se, vendo, todo dia, que os homens fazem mal todas as coisas? Que eles não observam os mandamentos de Deus? Que não temem os Seus juízos? Muitos e muitos foram os dias em que eu teria preferido estar morto, a estar vivo, por ver os moços a correr atrás de vaidades, a jurar e a perjurar, a frequentar tavernas, a não visitar igrejas, a seguir, de preferência, os caminhos do mundo, aos caminhos de Deus.

Disse, então, o frade:

— Meu filho: essa é a boa ira. Eu não saberia impor a você qualquer penitência por isso. Mas será que, ainda que por acaso, a ira o terá induzido a praticar algum homicídio, ou a proferir vilanias contra alguém, ou a provocar alguma outra forma de dano?

Ao que o sr. Ciappelletto respondeu:

— Ai de mim, senhor frade! Oh! O senhor... O senhor me parece homem de Deus! Como é que o senhor profere semelhantes palavras? Oh! Se eu tivesse tido ainda que fosse um pensamentozinho de fazer qualquer das coisas que o senhor agora disse, crê o senhor que Deus me haveria amparado tanto? Tais coisas são praticadas apenas por vilões e por delinquentes. A estes, sempre que algum se me depara, tenho dito: “Vá, e que Deus o converta!”

Então, disse o frade:

— Diga-me agora, meu filho, que bendito seja você a Deus: nunca deu você qualquer testemunho falso, contra quem quer que fosse? Nunca falou mal de ninguém? Nunca tirou, dos outros, coisas alheias, sem prazer nem consentimento do seu dono?

— Sim, senhor frade — respondeu o sr. Ciappelletto. — Eu já falei muito mal dos outros! O caso foi que eu tive um vizinho que, com a maior sem-razão do mundo, nada mais fazia do que bater na esposa; assim, uma vez eu falei mal dele, aos parentes da mulher, de tão grande que foi a piedade que senti daquela pobrezinha; sempre que ele bebia em excesso, punha-a em condições que só Deus lhe poderia dizer.

Observou, então, o frade:

— Pois bem! Você me diz que foi comerciante. Já enganou você alguém, como costumam fazer os comerciantes?

— Pela minha fé — respondeu o sr. Ciappelletto —, pela minha fé que sim. Não sei quem foi. Sei que foi um indivíduo que me entregou um dinheiro que me era devido, por uma peça de pano que eu lhe vendera. Botei o dinheiro numa gaveta, sem o contar. Ali, um mês depois, verifiquei que havia quatro centavos a mais do que o certo. Assim, não tornando a encontrar aquele indivíduo, e depois de reter os referidos centavos durante um ano, para lhos devolver, dei-os pelo amor de Deus.

Disse o frade:

— Essa falta foi pequena; você andou bem, ademais, fazendo o que disse que fez.

Além disso, o santo frade formulou perguntas sobre muitas outras coisas; a todas elas, o enfermo respondeu sempre pela mesma forma. Desejando, pois, o frade proceder à absolvição do sr. Ciappelletto, este disse:

— Meu frade! Tenho ainda um pecado de que não lhe falei.

O frade perguntou qual era. E o enfermo respondeu:

— Recordo-me de que mandei o meu serviçal doméstico varrer a casa, num sábado,⁶ depois da hora nona; não manifestei, pois, para com o santo domingo, aquela reverência que deveria ter manifestado.

— Oh! — exclamou o frade. — Esta é uma falta leve!

— Não — redarguiu o sr. Ciappelletto. — Não diga falta leve! O domingo é dia que se deve honrar. Porque foi num dia de domingo que o Senhor ressuscitou da morte!

Disse, então, o frade:

— Oh! Fez mais alguma coisa?

— Senhor frade, fiz — respondeu o sr. Ciappelletto. — De uma feita, sem que o percebesse, cuspi na igreja de Deus.

O frade começou a sorrir, e disse:

— Meu filho: isto não é coisa que possa preocupar; nós, que somos religiosos, ali cuspimos todos os dias.

Disse, então, o sr. Ciappelletto:

— Os senhores perpetram grande vilania, porque nada deve ser conservado tão limpo como o santo templo, dentro do qual se rende sacrifício a Deus!

Em breve tempo, o sr. Ciappelletto disse muitas dessas palavras ao frade. Por fim, começou a suspirar; depois, a chorar copiosamente, como quem muito bem soubesse chorar quando o quisesse. Então, perguntou o santo frade:

— Meu filho: que é que você tem?

Respondeu o sr. Ciappelletto:

— Ai de mim, senhor frade! Ficou-me ainda um pecado por dizer. Deste, nunca me confessei, de tanta vergonha que tenho de dever dizê-lo! Toda vez em que dele me recordo, choro como o senhor está vendo. E parece-me absolutamente certo que Deus nunca terá misericórdia de mim, por tal pecado.

Então, o santo frade disse:

— Vamos, vamos, meu filho! Que é que você está dizendo? Se todos os pecados que jamais foram praticados pelos homens, ou que todos os homens ainda estão por praticar, enquanto durar o mundo, fossem praticados por um único homem, e este homem se sentisse arrependido e contrito, como eu vejo que você se sente, é tanta a bondade de Deus que, em esse homem se confessando, o perdoaria generosamente. Por isto, pode você dizer o seu pecado.

Disse, então, o sr. Ciappelletto, sempre chorando copiosamente:

— Ai de mim, meu frade! O meu pecado é excessivamente grande; e mal eu poderia crer, se as suas palavras não me ajudassem, que ele possa, um dia, ser perdoado por Deus.

Ao que o frade disse:

— Diga-o com segurança; prometo suplicar a Deus por você.

O sr. Ciappelletto continuava a chorar, sem dizer o pecado que cometera. E o frade continuava a incitá-lo a dizer. Mas, depois que o sr. Ciappelletto, chorando, manteve o frade em suspenso durante um tempo enorme, ele emitiu um grande suspiro e disse:

— Meu frade: uma vez que o senhor promete suplicar a Deus por mim, eu o direi. Saiba o senhor que, quando eu era pequenino, blasfemei, certa ocasião, contra minha mãe!

Depois de dizer isso, o sr. Ciappelletto recomeçou a chorar copiosamente. Disse o frade:

— Oh! meu filho! Então lhe parece que isso seja um grande pecado? Os homens blasfemam o dia todo contra Deus; e Ele perdoa de bom grado quem se arrepende de haver blasfemado; e você não crê, então, que lhe perdoe isso? Não chore! Tranquelize-se. Porque, com franqueza, mesmo que você fosse um dos que O crucificaram, e manifestasse a contrição que vejo você manifestar, não há dúvida que Ele o perdoaria.

Disse, então, o sr. Ciappelletto:

— Ai de mim, meu frade! Que é que o senhor está dizendo? Oh! minha doce mãe, que me teve no seu ventre durante nove meses, dia e noite, e que me carregou nos braços mais de cem vezes! Muito mal eu fiz em blasfemar contra ela. Isso foi pecado enorme. E se o senhor não pedir a Deus por mim, não me será perdoado.

Vendo o frade que nada mais restava para que o sr. Ciappelletto dissesse, deu-lhe a absolvição, e concedeu-lhe a bênção. Considerou-o homem santíssimo, como confessor que acreditasse plenamente ser verdade o que o sr. Ciappelletto dissera. E quem não acreditaria, vendo aquele homem na iminência da morte? Por fim, depois de tudo isso, disse-lhe:

— Sr. Ciappelletto: com a ajuda de Deus, você logo ficará bom. Mas, se acontecer que Deus chame a Si a sua alma bendita e bem-disposta, agrada-lhe-ia que o seu corpo fosse sepultado em lugar sagrado para nós?

Ao que o sr. Ciappelletto respondeu:

— Meu santo frade, sim! Aliás, não desejarei ser enterrado em outro lugar, uma vez que o senhor me prometeu pedir a Deus por mim. Ademais, sempre tive particular devoção para com a sua Ordem. Por isso, peço-lhe que, quando o senhor chegar àquele seu lugar, faça com que venha a mim o veracíssimo Corpo de Cristo, que o senhor, pela manhã, consagra no seu altar. Embora eu não seja digno d'Ele, pretendo recebê-Lo, com sua permissão. Depois, quero a

santa e extrema-unção, para que, se vivi como pecador, ao menos possa morrer como cristão.

O santo frade assegurou que tudo isso lhe dava muita alegria, e que o sr. Ciappelletto falava com acerto. Faria, pois, com que o que ele pedia lhe fosse oportunamente proporcionado. E assim foi.

Os dois irmãos florentinos, os quais muito duvidavam de que o sr. Ciappelletto não acabasse enganando-os, puseram-se junto a um biombo. Esse biombo dividia em dois setores a sala em que o sr. Ciappelletto se encontrava. Ali, pondo-se à escuta, os dois ouviram de leve, e entenderam, o que o sr. Ciappelletto disse ao frade. Sentiam, por vezes, tamanha vontade de rir, ao ouvirem o que ele confessava ter praticado, que quase explodiam; e, de si para consigo, raciocinavam: “Que espécie de homem é este, que nem a velhice, nem a enfermidade, nem o medo da morte, da qual se vê bem perto, nem também o temor de Deus, perante Cujo juízo dentro de poucas horas se presume que deva comparecer, conseguiram demover da habitual malvadez? Será que nem ao menos ele deseja morrer de maneira diversa daquela pela qual viveu?” Vendo, porém, que se havia assentado que o seu corpo seria recebido em sepultura consagrada, na Igreja, de nada mais os dois irmãos se preocuparam. Que ocorresse o que tivesse de ocorrer.

O sr. Ciappelletto comungou logo depois. Como piorasse a olhos vistos, ministrou-se-lhe a extrema-unção. Pouco depois do cair da noite, naquele mesmo dia em que fez a confissão, morreu. Por isso, os dois irmãos florentinos tudo providenciaram, de acordo com o que o enfermo dissera, para que o seu corpo fosse honrosamente sepulto. Comunicaram a morte do enfermo ao mosteiro dos frades. Pediram, aos frades, que fossem, durante a noite, fazer o velório, de conformidade com o costume local, e que tomassem, pela manhã, as disposições oportunas, quanto ao destino a dar ao corpo. O santo frade, que o havia confessado, quando soube que o sr. Ciappelletto falecera, foi ter com o prior do mosteiro. Mandou que se tocasse a capítulo. Depois, aos frades reunidos em capítulo, demonstrou que o sr. Ciappelletto fora homem santo, a julgar pelo que, através da confissão, ficara sabendo, e do que se convencera. Acreditava o frade que, através do sr. Ciappelletto, Deus realizaria muitos milagres. E acabou persuadindo os religiosos seus companheiros, no sentido de que aquele corpo deveria ser recebido, no mosteiro, com grande reverência e devoção. Concordaram com isso o prior e os outros frades, porque tinham fé na sinceridade das palavras do confessor. À

noite, os religiosos dirigiram-se à casa onde jazia o corpo do sr. Ciappelletto; e ali fizeram grande e solene vigília. Pela manhã, envergando túnicas e pluviais, todos aqueles religiosos, de livros à mão e com as cruzes na frente, foram buscar o corpo, cantando. Levaram-no, com grande pompa e solenidade, à própria igreja, no que se viram acompanhados por quase todo o povo da cidade, homens e mulheres. Depositado o corpo na igreja, o santo frade, que havia confessado o sr. Ciappelletto, subiu ao púlpito e começou a falar. Falou do sr. Ciappelletto — da sua vida, dos seus jejuns, da sua virgindade, da sua simplicidade, da sua inocência, da sua santidade — coisas por certo maravilhosas, dignas de serem pregadas. Entre outros episódios, o frade narrou aquilo que, chorando, o sr. Ciappelletto confessara como sendo o seu maior pecado. Disse como foi que ele, frade, mal conseguira pôr, na cabeça do enfermo e moribundo, a convicção de que Deus o perdoaria. Depois, o frade, dirigindo-se ao povo, que o ouvira, exclamou:

— E vocês, malditos de Deus, a cada fio de palha que se embaraça entre os seus pés, blasfemam contra Deus e contra a Mãe, e bem assim contra toda a corte do paraíso!

Além dessas, disse o frade muitas outras coisas quanto à lealdade e à pureza do sr. Ciappelletto. Em pouco tempo, por meio das suas palavras, às quais toda a gente do lugar prestava fé absoluta, o frade fez com que a memória do defunto entrasse no espírito e se impusesse à devoção de quantos ali se encontravam. Assim que o ofício fúnebre se concluiu, os presentes, no maior tumulto deste mundo, correram a beijar os pés e as mãos do morto; todas as roupas de que o defunto se achava vestido foram rasgadas; consideravam-se beatos os que conseguiam possuir ainda que fosse um pedacinho de tais roupas. Concordou-se em que o defunto fosse conservado ali na igreja o dia todo, para que pudesse ser visitado e contemplado por todos. Depois, ao cair da noite, o corpo foi sepulto com todas as honras, numa arca de mármore, numa capela da igreja.

No dia seguinte, a pouco e pouco, o povo começou a dirigir-se àquela sepultura, a acender velas e a adorar o morto; começou, igualmente, a fazer votos e a dependurar, na capela, imagens de cera, cada qual de acordo com a promessa feita. Enquanto isso, foi crescendo a fama da devoção e da santidade do sr. Ciappelletto. Quase ninguém se mostrou contrário à formação dessa fama, nem a que a ele se fizessem votos, em vez de os fazer a outro santo. Chamaram, e chamam ainda, ao sr. Ciappelletto, São Ciappelletto. Afirmou-se

que muitos milagres Deus fez, por intermédio e através dele; e prossegue fazendo-os, todos os dias, a quem devotadamente se coloca sob a sua proteção.

Assim, pois, viveu e morreu o sr. Ciappelletto, de Prato; e tornou-se santo, como acabam de ouvir.

Não quero negar que seja possível ser esse homem beato, na presença de Deus. Embora sua vida tenha sido celerada e perversa, bem pode ele ter sentido, na quadra extrema da existência, tamanha contrição, que, em consequência, Deus manifestou misericórdia para com ele, recebendo-o no Seu reino. Considerado, porém, que isso é circunstância oculta, a nós desconhecida, eu só raciocino de acordo com aquilo que as aparências sancionam. Digo, pois, que esse sr. Ciappelletto deveria encontrar-se, de preferência, nas mãos do diabo, e não no paraíso. Se assim é, enorme se pode dizer que é a bondade de Deus, para conosco. A bondade se manifesta, não para com o nosso erro, e sim em consideração à pureza da fé. Fazendo do sr. Ciappelletto, que foi inimigo de Deus, nosso mediador perante Ele, por o julgarmos amigo de Deus, o Todo-poderoso nos ouve, como se recorrêssemos, para a tarefa de mediador, na consecução da Sua graça, a um santo verdadeiro. Por isto, louvando o nome de Deus, com o qual demos início a esta conversação, prestamos-Lhe reverência. Recomendamo-nos a Ele, nas nossas necessidades, certíssimos de sermos ouvidos, e também para que, pela Sua graça, sejamos conservados sãos e salvos nas adversidades presentes, bem como nesta tão agradável companhia.

E neste ponto se calou.

Notas

1. Desse personagem, diz o historiador Dino Compagni que, tornando-se riquíssimo, deixou a vida de negociante; armado cavaleiro, acompanhou Carlos de Valois, apelidado Carlos Senterra, na expedição à Itália, para onde fora chamado pelo papa Bonifácio VIII.
2. Carlos de Valois, também denominado Carlos Senterra: Chegou a Florença em 1301. É citado por Dante, *A divina comédia*, Inferno, canto VI, verso 69, e Purgatório, canto xx, verso 71.
3. Nasceu em 1217; morreu em 1303; cardeal, em 1281; papa, em 1294, após a abdicação de Celestino V.
4. Ciapperello, nome depois transformado em Ciappelletto: era da família dos Cepperelli, de Prato, que se extinguiu em fins do século XVIII.
5. Naquela época, os franceses denominavam lombardos todos os italianos, principalmente os que comerciavam na França. Lourenço dos Médici, que tinha casas comerciais na França, era chamado o grande lombardo. Deve-se recordar que os usurários eram excomungados pelos cânones sagrados e, por isso, não eram recebidos na Igreja.
6. Naquele tempo, era costume, em Florença, repousar o povo na tarde do sábado, em honra do domingo sucessivo. Como se vê, o que hoje se denomina sábado inglês teria sido, antes, sábado florentino.

QUINTA JORNADA

NONA NOVELA

Vocês devem, pois, saber que Coppo di Borghese Domenichi foi, na nossa cidade, e talvez ainda o seja, homem de grande e reverenciada autoridade nos nossos dias; por seus costumes e por suas virtudes, muito mais do que pela nobreza de seu sangue, é homem extremamente esclarecido, digno de fama eterna; sendo já avançado em anos, teve, outrora, o hábito de se deleitar conversando frequentemente sobre coisas do passado. Melhor do que qualquer outra pessoa, com mais ordem, com memória mais fiel e com fala mais florida, ele sabia conduzir essas conversações.

Entre outras lindas coisas, costumava dizer que, na cidade de Florença, existiu, certa vez, um moço chamado Frederico, filho do sr. Filipe Alberighi; tanto em feitos de armas quanto em obras de cortesia, era o donzel mais notável que havia na Toscana. Como acontece aos gentis-homens, ele enamorou-se de uma nobre mulher chamada sra. Joana, que, nos seus tempos, era considerada uma das mais belas e das mais elegantes que viviam em Florença; a fim de conseguir conquistar o amor de tão nobre mulher, ele promovia torneios e encontros de armas, dava festas, oferecia presentes, consumindo os seus bens sem qualquer comedimento. Ela, porém, não menos honesta e recatada do que bonita, não se incomodava com aquelas iniciativas em homenagem a ela tomadas nem com o moço que as tomava.

Frederico despendia, pois, muita coisa, além do que lhe seria dado; nada adquiria; e, como em tais casos ocorre, as riquezas escassearam; o moço tornou-se pobre; nada mais lhe restou além de uma pequena propriedade rural; e das parcas rendas dessa propriedade passou ele, então, a viver, dispondo apenas do estritamente indispensável.

Além da mencionada terra, restou-lhe em mãos um falcão, que figurava entre os melhores do mundo. Amando cada vez mais, e não lhe parecendo que pudesse ser cidadão como desejava ser, foi residir em Campi, que era onde

ficava aquele seu sítio. Ali, com o seu falcão, dava caça às aves quando podia; e, como não convidava pessoa alguma, ia pacientemente alimentando a sua pobreza.

Ora: aconteceu, um dia, que o marido da sra. Joana enfermou; vendo-se ele já próximo da morte, fez testamento; sendo riquíssimo, deixou, na qualidade de herdeiro, um seu filho já grandote; por haver muito amado a sra. Joana, determinou que, depois do mencionado filho, no caso de o referido filho morrer sem herdeiros legítimos, a sua herdeira passasse a ser a citada sra. Joana; a seguir, o marido morreu. A sra. Joana ficou, então, viúva.

Como é dos hábitos das nossas mulheres, ela, no verão, dirigia-se, com o filho, ao condado, onde existia uma sua propriedade rural, muito próxima daquela de Frederico. Assim, aconteceu que o meninote, filho da sra. Joana, começou a se tornar íntimo de Frederico e, em consequência, a gostar de pássaros e de cães. O meninote viu muitas vezes o falcão de Frederico voar; e isso lhe causou um prazer extraordinário e estranho, a tal ponto que passou a desejar possuir aquela ave de caça e rapina. Entretanto, não se animava a pedi-lo ao donzel por saber o quanto lhe era caro.

Estando as coisas nesse pé, o meninote adoeceu. A mãe transtornou-se profundamente; não tinha outros filhos e amava aquele menor com todas as forças do seu coração; ela permanecia o dia todo ao lado do menino; não se dava descanso na tarefa de o servir e de o confortar; com frequência, perguntava-lhe se havia alguma coisa que desejasse possuir; se houvesse, suplicava para que lhe dissesse, porque, se fosse possível tê-la, ela, por certo, lhe proporcionaria. O meninote, depois de ouvir muitas vezes estas súplicas e estes oferecimentos, disse:

— Minha mãe, se você fizer com que eu passe a possuir o falcão de Frederico, creio que logo sararei.

Ao ouvir isso, a mulher se pôs pensativa; e começou a meditar sobre o que deveria fazer. Ela sabia que Frederico a havia amado durante longo tempo, sem obter, jamais, da parte dela, um único olhar significativo; por essa razão, ela dizia de si para consigo: “Como poderei eu mandar alguém, ou como poderei eu mesma ir pedir o falcão, que é, pelo que ouço dizer, o melhor de quantos falcões jamais voaram e que, além disso, lhe proporciona alimento para que ele se mantenha neste mundo? E como poderei ser eu tão mal-agradecida a ponto de querer tolher, a um gentil-homem, o único entretenimento que lhe restou?” Ela sentiu-se embaraçada com semelhante

raciocínio. Tinha certeza de que, se pedisse o falcão, conseguia-lo; mas, sem saber o que responder, nada respondeu ao filho; contudo, prosseguiu pensando. Por fim, tanto a asseverou o amor para com o filho que ela, para contentá-lo, se dispôs não a mandar outra pessoa, mas a ir ela própria falar com Frederico; assim, pediria o falcão; recebê-lo-ia; e dá-lo-ia ao filho. Portanto, respondeu:

— Meu filho, tranquilize-se; trate de sarar; prometo-lhe que a primeira coisa que farei amanhã cedo será ir buscar o falcão e trazê-lo para você.

A essa notícia, o menino, satisfeito, acusou melhoras naquele mesmo dia.

Na manhã seguinte, a mulher, levando outra senhora em sua companhia, rumou, como se o fizesse a título de recreação, para a pequena casinhola de Frederico; e, ali, pediu que o fossem chamar. Frederico deixara de ir à caça de aves, porque não era tempo indicado para isso; estava no horto, procedendo a consertos em seus utensílios. Ao ouvir a comunicação de que a sra. Joana se encontrava à sua porta e pedia a sua presença, Frederico muito se admirou; contudo, para lá correu, visivelmente satisfeito. A sra. Joana, quando o viu se aproximar, correu-lhe ao encontro, com feminina intuição de lhe ser agradável; e, depois que Frederico a saudou, reverente, ela disse-lhe:

— Que tudo lhe corra bem, Frederico.

E prosseguiu:

— Eu vim compensá-lo pelos danos que sofreu por minha causa, amando-me muito mais do que fora necessário. A compensação é de tal ordem que eu desejo, com esta minha companheira, almoçar intimamente consigo, esta manhã.

Ao que Frederico, humildemente, respondeu:

— Senhora, não tenho memória de dano algum que eu haja recebido por sua causa; ao contrário, recebi tantos benefícios que, se alguma coisa eu jamais pude valer, isso aconteceu pelo seu valor e pelo amor que alimentei para consigo. É certo que esta sua visita generosa me é muito mais cara, agora, do que se me fosse dado, de novo, despendar dinheiro a mancheias, como despendi em outros tempos. E isso porque a senhora veio em visita a pobre hospedeiro.

Assim dizendo, recebeu-a, modestamente, dentro de sua casa; depois, conduziu-a ao seu pequeno jardim; ali, não tendo outra pessoa que pudesse incumbir de lhe fazer companhia, disse-lhe:

— Senhora, uma vez que não existe outra pessoa por aqui, esta bondosa mulher, esposa deste trabalhador, lhe fará companhia enquanto eu vou preparar a mesa.

Embora sua pobreza fosse extrema, Frederico ainda não tinha criado noção de quanta falta lhe poderia fazer a riqueza anterior, esbanjada desordenadamente; naquela manhã, porém, formou ideia de semelhante falta, porque não encontrou coisa alguma com que pudesse honrar a mulher por cujo amor tantos e tantos homens havia recebido e homenageado. Sentiu-se angustiado; amaldiçoou a própria má sorte; comportou-se como homem que estivesse fora de si; correu de um lado para outro; não encontrou dinheiro nem coisa que pudesse empenhar; a hora avançava; era grande o desejo que ele sentia de, mesmo assim, honrar a presença daquela nobre senhora em sua casa; não queria pedir coisa alguma a ninguém, e menos ainda ao trabalhador que havia em suas terras; de súbito, seus olhos deram no manso falcão que se achava em sua saleta, empoleirado na tranca. Frederico convenceu-se de que não tinha outra coisa de que se socorrer; agarrou o falcão; achou-o bem gordinho; admitiu que constituiria digna refeição para tão nobre senhora; e, sem pensar outra vez, torceu-lhe o pescoço; mandou que uma rapariga, servidora de sua casa, preparasse a ave, depenando-a, limpando-a, pondo-a no espeto e fazendo-a corar diligentemente. A seguir, pôs a mesa, com toalhas branquíssimas, algumas das quais ainda lhe restavam; e, com semblante feliz na aparência, voltou à presença da mulher, no jardim, anunciando-lhe que o almoço, que ele pudera lhe oferecer, estava servido. Então, a nobre senhora, com a sua companheira, se ergueu; e todos se dirigiram à mesa; as duas mulheres, sem saber o que estavam comendo, juntamente com Frederico, que com grandes atenções as servia, comeram o manso falcão.

Depois, ergueram-se da mesa; as mulheres entretiveram-se algum tempo, conversando com ele; afigurou-se à nobre senhora que havia chegado a hora de lhe dizer o motivo de sua visita; e, por isso, amistosamente, começou a falar, dirigindo-se a Frederico:

— Frederico, você deve recordar-se da sua vida passada e também da minha honestidade, que, provavelmente, você considerou dureza e crueldade; nessas condições, não duvido que você se admirará da minha presunção ao ouvir a razão pela qual, principalmente, vim à sua casa. Contudo, se você tivesse filhos ou os tivesse tido, poderia formar noção da força que anima o amor que por eles a gente sente; e, nesse caso, eu estou certa de que você me

desculpária. Você, porém, não tem filhos; eu tenho um; mas não posso fugir às leis comuns das outras mães. Obedecendo ao imperativo dessas leis, venho, além de qualquer prazer de minha parte, e além de qualquer convencionalismo ou dever social, pedir-lhe de presente uma coisa que eu sei que lhe é sumamente cara; e você tem razão em querê-la, uma vez que nenhum outro entretenimento, nenhuma outra recreação, nenhum outro consolo, a sua Fortuna severa lhe deixou. O presente que desejo é o seu falcão. Meu filho encantou-se com essa ave; se eu não lha levar, tenho motivos para recear que o estado dele se agrave; e receio que, agravando-se a sua enfermidade, se sigam condições pelas quais eu acabe perdendo o meu filho. Por isso, rogo-lhe, pelo amor que tem para comigo; esse amor a nada o obriga; mas rogo também pela sua nobreza de ânimo, nobreza esta que, na prática da cortesia, maior do que a de qualquer outra pessoa sempre se revelou; rogo-lhe para que me dê o falcão a fim de que eu possa dizer, no futuro, que por ele consegui manter meu filho em vida, considerando-me, por isso, eternamente agradecida para consigo.

Frederico ouviu o que a mulher lhe pedia; percebeu que não a poderia servir, pois lhe havia servido aquele mesmo falcão ao almoço; e começou a chorar em sua presença antes de conseguir encontrar palavras para responder. A nobre mulher pensou, de início, que aquele pranto decorria principalmente da circunstância de Frederico ter de se separar da ave; e esteve na iminência de declarar que já não o queria mais. Contudo, ela conteve-se; esperou que, depois do pranto, Frederico lhe respondesse; e Frederico falou assim:

— Senhora, depois que aprouve a Deus que eu concentrasse na senhora todo o meu amor, em muitas coisas a Fortuna me tem sido contrária; e dessa Fortuna me tenho queixado; mas todas as contrariedades foram leves em confronto com esta que me proporciona neste momento. Por essa razão, nunca mais terei paz nem viverei em harmonia com o meu destino; pensarei que a senhora veio aqui, à minha pobre casa, ao passo que, enquanto minha casa foi rica, a senhora a ela nunca compareceu; pensarei que a senhora desejou de mim um pequeno presente, e que a minha sorte procedeu por tal forma que me tornou impossível a concessão de tal presente. Vou dizer-lhe, com breves palavras, o motivo pelo qual essa concessão se torna impossível. Quando eu soube que a senhora, por sua mercê, desejava almoçar comigo, levei em consideração a excelência da sua nobreza e a elevação do seu valor; achei que deveria honrá-la com a refeição mais preciosa que, de acordo com as

minhas limitações, eu pudesse oferecer a fim de a diferenciar das refeições que se proporcionam a outras pessoas. Assim, recordei-me do falcão que a senhora agora me pede; recordei-me da bondade daquela ave; considere-a alimento digno da senhora; esta manhã, pois, a senhora teve o falcão, assado, no seu prato; e afigurou-se-me que bem empregado ele fora. Vendo, agora, que a senhora o desejava de outra maneira, é com profundo sentimento que tenho de reconhecer que não a posso servir e que, por isto, nunca mais poderei estar em paz comigo mesmo.

Dito isso, apresentou à nobre mulher as penas, os pés e o bico do falcão em testemunho do que afirmava.

A nobre senhora, vendo e ouvindo essas coisas, primeiro lamentou o gesto do moço por haver tirado a vida a semelhante falcão apenas para dar de comer a uma senhora; depois, louvou-lhe a grandeza de alma, grandeza esta que a pobreza não tinha empanado nem poderia empanar. Afinal, perdendo toda a esperança de passar a possuir o falcão, e sentindo-se insegura quanto ao futuro da saúde do filho, ela retirou-se com grande melancolia no coração; voltou, pois, para junto do filho.

Seja pela tristeza de não poder ter o falcão, seja pela enfermidade que de qualquer maneira o levaria, o filho, dentro de poucos dias, trespassou desta vida, causando uma dor enorme à mãe.

A nobre senhora, depois de haver chorado longamente a perda do filho e a sua amargura, se viu várias vezes aconselhada, pelos seus próprios irmãos, a casar-se de novo, pois ficara riquíssima e ainda era jovem. Ela talvez não desejasse ir a novas núpcias; entretanto, sendo instada pelos irmãos, recordou-se de Frederico, bem como da ainda recente revelação da grandeza de sua alma; consistira a revelação em haver sacrificado aquele extraordinário falcão apenas para lhe fazer, a ela, as honras da casa; e, então, disse aos referidos irmãos:

— Se o caso lhes agradasse, de boa vontade eu continuaria viúva; mas, se preferem que eu tome novo marido, é certo que jamais tomarei outro se esse marido não for Frederico degli Alberighi.

A isso, os irmãos, como que zombando dela, disseram:

— Tola! Que é que você está dizendo? Como é que você pretende casar-se com ele se ele nada tem neste mundo?

Então, a nobre senhora respondeu:

— Meus irmãos, bem sei que é assim como vocês dizem; mas eu prefiro um homem que tenha necessidade de riqueza do que uma riqueza que tenha necessidade de homem.

Os irmãos, percebendo a firmeza da resolução dela e conhecendo desde muito tempo o caráter de Frederico, deixaram de se incomodar com o fato de ele ser pobre; deram-lhe, pois, a irmã, com todas as riquezas de que ela era dona.

Frederico, vendo-se casado com tão bela mulher que tanto havia amado e tornando-se, além disso, riquíssimo, longos anos viveu em harmonia e encantamento com ela; tornou-se melhor homem de família; e suavemente, em companhia dela, concluiu seus anos.

Nota

1. O historiador Giovanni Villani alude a essa família afirmando ser originária de Fiesole, mas transladada para Florença lá pelo ano 1000.

SEGUNDA JORNADA

QUINTA NOVELA

Ao que vim a saber, existiu, em Perúsia, um moço cujo nome era Andreuccio di Pietro, mercador de cavalos. Ouviu ele dizer que havia, em Nápoles, bom mercado desses animais; então, pôs na bolsa quinhentos florins de ouro; e, como nunca houvesse saído sozinho de casa, para lá viajou em companhia de vários outros negociantes. Chegou a Nápoles num domingo, à tarde. Informado pelo seu hospedeiro, dirigiu-se ao mercado na manhã seguinte; viu muitos cavalos; muitos daqueles animais correspondiam às suas exigências; mas pechinhou quanto mais pôde pechinchar, sem chegar a fechar negócio com ninguém. Todavia, para mostrar que tinha viajado disposto a efetuar aquisições, e sendo rústico e pouco cauteloso, puxou para fora, muitas e muitas vezes, aos olhos de quem ia e de quem vinha, aquela bolsa dentro da qual pusera os florins.

Encontrando-se ele nestas manobras, e tendo já mostrado muito a bolsa, aconteceu que uma siciliana, jovem e muito bonita — mas disposta a proporcionar prazer a qualquer homem, por pouco preço —, passou perto dele, sem que ele desse por isso; e viu-lhe a bolsa. Ela, então, logo disse, de si para consigo: “Quem estaria melhor do que eu, se aquele dinheiro fosse meu?” E prosseguiu no seu caminho.

Na companhia desta moça estava uma velha, também siciliana; quando ela viu Andreuccio, deixou que a jovem fosse para diante, e correu a abraçar o moço, com demonstrações de grande afeto. A jovem, ao ver aquilo, de longe, não disse palavra; pôs-se de um lado e tratou de seguir, com os olhos, os movimentos da velha. Andreuccio voltou-se para a anciã; reconheceu-a; e fez-lhe grandes festas. Ela prometeu visitá-lo no hotel, sem prolongar muito a sua palestra ali no mercado; e retirou-se. Andreuccio entregou-se, outra vez, à procura de pechinchas; mas nada comprou naquela manhã.

A moça percebera, primeiro, a bolsa de Andreuccio; e, depois, a conversação da velha com o rapaz. Pensou, pois, em verificar se havia algum meio de fazer com que aqueles florins, no todo ou em parte, fossem parar nas suas próprias mãos. Cautelosamente, começou a indagar, da velha, quem era o rapaz — de onde procedia, o que é que estava fazendo ali e como é que ela o tinha conhecido. A velha contou-lhe tudo o que sabia a respeito dos assuntos de Andreuccio; e o fez com tantos pormenores, como se fosse ele mesmo quem falasse pela sua boca. A velha tinha morado longo tempo nas vizinhanças do pai dele, primeiro na Sicília, depois em Perúcia; contou-lhe, igualmente, para onde o moço voltaria e para o que tinha ido a Nápoles.

A moça, perfeitamente informada tanto sobre a sua parentela como sobre os respectivos nomes, deliberou satisfazer os próprios anseios com sutil astúcia; e nisso baseou a sua intenção. Regressando à sua casa, pôs a velha a trabalhar o dia inteiro, a fim de que não pudesse ir encontrar-se com Andreuccio. Tomou consigo a sua pequena aia, que havia preparado muito bem para a prestação de tais serviços; e, à tardezinha, mandou que ela se dirigisse ao hotel onde Andreuccio se hospedava. Chegando ao hotel, a pequena aia, por puro acaso, encontrou-se com o próprio Andreuccio, logo à porta. E a ele mesmo perguntou por ele mesmo. Quando ele disse que era ele mesmo, ela puxou-o para um lado e disse:

— Senhor: uma nobre dama desta cidade virá falar consigo, quando isso lhe der prazer.

Ao ouvir aquilo, Andreuccio imaginou que, sendo ele um belo moço, seja quanto à pessoa, seja quanto ao semblante, aquela nobre dama deveria ter se apaixonado por ele. Exatamente como se, em Nápoles, não existisse nenhum outro moço bem-apeado. Sem demora, Andreuccio declarou que estava pronto a recebê-la; e perguntou onde e quando a mulher lhe quereria falar. A isto, a pequena aia explicou:

— Senhor: seja quando for que lhe agrade aparecer, ela o esperará em sua própria casa.

Andreuccio, sem perder tempo, e sem comunicar coisa alguma ao hotel, disse:

— Então, vamos! Vá você na frente. Eu a seguirei de perto.

A pequena aia o conduziu à casa da moça siciliana; ela morava num subúrbio chamado Malpertugio;¹ o nome põe em relevo o quanto era honesto aquele subúrbio. Andreuccio, porém, nada disso percebia; de nada suspeitava;

julgava dirigir-se a lugar honestíssimo; pensava ir à residência de uma dama muito amável; e, tendo à frente a pequena aia, entrou, de ânimo bem-disposto, naquela casa. A pequena aia chamou a sua dona, dizendo-lhe: “Aqui está Andreuccio”; e o moço, subindo as escadas, viu a mulher aparecer no patamar superior, para lhe dar as boas-vindas. A mulher era ainda muito moça; tinha corpo bem desenvolvido e rosto muito bonito; mas estava vestida e adornada de modo simplesmente horrível. Assim que Andreuccio se aproximou dela, ela desceu três degraus, com os braços abertos; e, dependurando-se-lhe ao pescoço, assim permaneceu, apertando-o, sem dizer palavra, como se estivesse impedida de falar por excesso de ternura. Depois, com lágrimas nos olhos, ela beijou-lhe a fronte e, com a voz entrecortada de soluços, disse-lhe:

— Oh! meu Andreuccio! Seja você o meu bem-vindo!

Ele, maravilhando-se em presença de carícias tão enternecidas, declarou, estupefato:

— Senhora: seja a senhora a bem encontrada.

Ela tomou-o por uma das mãos e levou-o para a sua própria sala, lá em cima; desta sala, sem dizer mais palavras, passou, com ele, para o seu quarto de dormir. O quarto estava fortemente perfumado, cheirando a rosas, a flores de laranjeira e a outros perfumes. Ali, ele viu um lindo leito rodeado de cortinas, com muita roupa dependurada pelas traves, conforme era o costume local, e muitas outras coisas mais, todas variadas, ricas e bonitas. Com base em tais coisas, ele, novato, julgou que ela deveria ser grande dama. Sentando-se os dois, juntos, numa arca que se encontrava ao pé da cama, ela começou a dizer-lhe:

— Andreuccio: estou convencida de que você se sente admirado, tanto das carícias que lhe faço como das minhas lágrimas; e isto porque você não me conhece, e, por acaso, nunca ninguém fez com que você se recordasse de mim. Agora, contudo, você vai ouvir a notícia que mais ainda o fará maravilhar-se, porque a verdade é que eu sou sua irmã. E digo-lhe que não mais morrerei em hora que não seja confortada; porquanto Deus me proporcionou uma grande graça, uma vez que permitiu que, antes da minha morte, eu encontrasse pelo menos um dos meus irmãos (como, aliás, desejo vê-los a todos). Se você talvez nunca ouviu dizer nada a esse respeito, eu lhe direi o porquê. Pedro, meu pai e seu pai também, residiu, como penso que você tenha conseguido saber, longo tempo na cidade de Palermo; por sua bondade, e pelo trato agradável que a todos dispensava, ele foi muito amado, como já houve e ainda há inúmeras

testemunhas que o podem atestar. Mas, entre as outras mulheres que muito o amaram, minha mãe, que foi nobre dama e na época era viúva, foi a que mais o amou. Amou-o tanto que, superando o medo que nutria pelo pai dela, e pelos próprios irmãos, desprezou a própria honra, e por tal forma se tornou íntima de Pedro, que eu nasci e vim a ser esta que você aqui vê. Depois, sobreveio uma causa que induziu Pedro a partir de Palermo e a regressar a Perúcia; deixou-me ainda criança, em companhia de minha mãe. Daí por diante, que eu saiba, Pedro não se recordou mais de mim nem de minha mãe. Se ele não fosse meu pai, forte motivo teria eu para repreendê-lo, devido à ingratidão manifestada para com a minha progenitora. Deixemos de lado o amor que ele devera ter sentido e mostrado para comigo, sua filha, nascida não de uma criada nem de mulher vil. Note que minha mãe se entregou de corpo e alma às mãos de Pedro; deu-lhe os seus bens e a sua pessoa, sem mesmo saber quem ele era; e fê-lo movida exclusivamente por fidelíssimo amor. Mas, enfim, que se há de fazer? As coisas malfeitas, e há muito tempo passadas, são mais passíveis de censura do que de emenda; foi assim que as coisas transcorreram. Ele deixou-me pequena, em Palermo. Ali, quando me fiz moça, mais moça do que sou agora, minha mãe, que era mulher muito rica, me casou com um senhor de Agrigento, gentil-homem, criatura de bem-fazer, que, por amor de minha mãe e de mim, foi morar em Palermo. Como pessoa muito partidária dos guelfos,² começou a negociar um tratado com o nosso rei Carlos.³ Esta notícia chegou ao conhecimento do rei Frederico,⁴ antes de o tratado poder produzir qualquer efeito; e isto foi o que nos obrigou a fugir da Sicília, justamente quando eu esperava ser a mais nobre dama que jamais houvesse existido naquela ilha. Em consequência, juntamos as poucas coisas que pudemos juntar. Eram poucas, digo-o, em relação às muitas que possuíamos. Abandonamos as fazendas e os palácios; e a estas paragens viemos ter. Aqui, verificamos que o rei Carlos se mostrava grato a nós, pelo que havíamos feito por ele; compensou-nos, em parte, os danos que tínhamos sofrido por causa dele; deu-nos casas e bens; e continua a dá-los sempre ao meu marido e seu cunhado, que é ótima pessoa, como você ainda poderá verificar. Dessa maneira, aqui estou, onde eu, pela boa mercê de Deus, não de você, meu doce irmão, o vejo.

Depois de dizer isso, tornou a abraçá-lo; e sempre lacrimejando, beijou-lhe a fronte.

Andreuccio ouviu essa fábula, dita com tanta ordem e com tanta compostura por aquela moça; nada conseguia fazer com que ela deixasse a palavra morrer entre os dentes; nada lhe fazia a língua balbuciar. Lembrou-se de que era verdade que o pai estivera em Palermo; por experiência própria, Andreuccio conhecia os costumes dos moços, que amam, de bom grado, a juventude. Viu as lágrimas enternecidas; sentiu os abraços e os beijos castos. E aceitou como sendo mais do que verdade o que ela lhe disse. Quando ela se calou, chegou a vez de ele dizer:

— Senhora: não lhe deve parecer coisa estranha o fato de eu me maravilhar; em verdade, seja devido a meu pai nunca me falar do que fez com sua mãe, ou consigo, seja devido à circunstância de, se ele falou, nada haver chegado ao meu conhecimento, eu não sabia coisa alguma da existência da senhora; era como se a senhora não estivesse neste mundo. É-me muito agradável o episódio de haver encontrado aqui a minha irmã, tanto mais que é verdade que aqui estou sozinho, e que era isso o que menos eu poderia esperar. Com efeito, não sei de homem de tão altos negócios ao qual a senhora não deva ou não possa ser cara; e mais ainda o é para mim, que não passo de mercador muito modesto. Contudo, peço-lhe que me esclareça um ponto: como foi que a senhora soube que eu chegara a esta cidade?

A isso ela respondeu:

— Esta manhã, a sua presença me foi comunicada por uma pobre mulher que costuma ficar boa parte dos dias comigo; ela esteve longo tempo, ao que me afirmou, com o nosso pai, seja em Palermo, seja em Perúcia. Se não fosse o fato de eu julgar mais honesto o ato de fazer você vir à minha casa do que o de ir eu ter consigo, em casa dos outros, há muito tempo que eu já teria ido ao seu encontro.

Depois dessas palavras, ela começou a pedir notícias, com minúcia e destaque, de todos os parentes, cujos nomes mencionou um por um; a todas as perguntas, Andreuccio respondeu; e, por tais perguntas, mais ainda acreditou naquilo que menos deveria acreditar.

Como a conversa foi longa e o calor era intenso, ela mandou que servissem vinho branco e doces; e insistiu para que Andreuccio bebesse. Depois de beber, o moço quis despedir-se; era hora do jantar. Ela não fez esforço algum para o reter; apenas mostrou, pela expressão do semblante, que se sentia fortemente perturbada por isso; e, abraçando-o, disse-lhe:

— Ai! Pobre de mim! Bem claramente vejo como sou pouco querida por você! Pensar que você se acha em companhia de uma sua irmã nunca vista por você; que está em casa dela; na casa em que você deveria ter se hospedado ao chegar a esta cidade; e que deseja, agora, sair, para ir jantar no hotel! Na verdade, você deve jantar comigo. Como meu marido não se encontra em casa (coisa que muito lamento), saberei, como mulher, fazer um pouco das honras da residência.

A isso, não sabendo o que responder, Andreuccio observou:

— Eu quero bem à senhora, como se deve querer bem a uma irmã; entretanto, se eu não me for, serei esperado a noite toda, no hotel, para jantar; e isso será grosseria da minha parte.

Ela, então, emendou:

— Deus seja louvado! Pois então eu não tenho em minha casa pessoa alguma por quem mandar dizer, no hotel, que não o esperem? Em todo caso, será a maior gentileza que você fará, e será também seu dever, se você quiser comunicar aos seus companheiros que podem vir para cá, para o jantar; depois, se for seu desejo retirar-se para o seu hotel, vocês todos poderão ir juntos.

Andreuccio respondeu que não queria companheiros naquela noite; mas que, uma vez que era do agrado da moça, ela que fizesse o que bem entendesse com ele. Ela, então, fingiu mandar alguém avisar aos homens do hotel para que não o esperassem para o jantar. A seguir, depois de muitas outras conversas, os dois se puseram à mesa, sendo-lhes servidos numerosos pratos, todos esplêndidos; astutamente, a mulher prolongou a demora de cada prato, à espera de que a noite se fizesse bem escura. Quando deixaram a mesa, Andreuccio fez menção de se retirar; mas ela disse que de maneira nenhuma o deixaria partir, porquanto Nápoles não era cidade de a gente andar só, altas horas da noite, pelas ruas, principalmente em se tratando de um forasteiro. Disse-lhe, ademais, que, uma vez que mandara comunicar que não o esperassem para o jantar, mandara dizer, igualmente, que ele não voltaria naquela noite. Andreuccio acreditou nisso, e, gostando de permanecer ao lado dela, enganado como estava por sua boa-fé, ali se deixou ficar.

Depois do jantar, as conversas foram muitas e longas; e não se travaram sem razão. A seguir, como uma parte da noite já se havia passado, ela permitiu que Andreuccio dormisse no seu quarto, em companhia de um menino

incumbido de lhe mostrar onde estava aquilo de que, por acaso, ele viesse a precisar. Ela, com as mulheres da casa, foi para outro quarto.

O calor era intenso; por isto, assim que se viu só, Andreuccio logo se despiu, ficando em roupas de baixo; tirou as roupas das pernas, estendendo-as na cabeceira da cama. Atendendo ao costume natural de se dispor do peso supérfluo que trazia no ventre, indagou, do menino, onde é que aquela tarefa se fazia. O menino mostrou-lhe uma portinhola, que havia em um dos cantos do quarto; e disse:

— Entre por ali.

Andreuccio entrou, com toda a segurança; por acaso, porém, pôs um dos pés sobre uma tábua; a parte da tábua, em que ele se firmou, ficava do lado de lá da trave de apoio da própria tábua; assim, a tábua empinou-se no ar e virou de ponta-cabeça; e, juntamente com ele, foi lá para baixo. Deus amava tanto o rapaz que, caindo, nenhum mal ele sofreu, embora caísse de bem alto; entretanto, emporcalhou-se todo com a imundície de que o lugar estava cheio.

Para que vocês entendam com mais clareza aquilo que se disse e aquilo que se dirá a seguir, vou indicar como o lugar se encontrava.

Havia um vão estreito, como esses que frequentemente se veem entre duas casas. Sobre duas pequenas traves, que iam de uma casa à outra, viam-se algumas tábuas pregadas; e nelas ficava o lugar de a gente se sentar. A tábua, com a qual Andreuccio caiu, era uma dessas duas. Vendo-se, pois, lá embaixo, no desvão, ele tratou de chamar o menino; mas o menino, assim que percebeu a queda, correu a informar a mulher; esta, sem perder tempo, correu para o quarto dele; tratou de ver se as roupas do moço estavam por ali; encontrando-as, acabou por achar, com essas roupas, o dinheiro que ele, por não confiar em ninguém, levava sempre estupidamente consigo. Por essa forma, a mulher entrou na posse daquilo para cuja consecução ela, de Palermo, fingindo-se irmã de um moço de Perúsia, armara o laço. Não se incomodando mais com o rapaz, a mulher correu a fechar a porta pela qual ele saíra do quarto, logo antes de cair.

Como o menino não lhe respondia, Andreuccio passou a clamar ainda mais alto; mas não obteve resultado melhor. Por fim, já suspeitando, mas tarde se convencendo, do logro de que estava sendo vítima, trepou na mureta que fechava e separava, da rua, aquele recinto. Descendo pelo outro lado da mureta, na rua, dirigiu-se à porta da casa, porta esta que ele muito bem conhecia; ali, longa e inutilmente chamou; gritou, ameaçou e bateu. A seguir,

pôs-se a chorar, como pessoa que bem percebia a própria desventura; e começou a exclamar:

— Ai! Pobre de mim! Muito breve foi o tempo em que perdi, simultaneamente, os quinhentos florins e uma irmã!

Depois de proferir muitas outras palavras, na mesma ordem de expressão, recomeçou a bater na porta e a gritar. Tanto fez que muitos dos vizinhos despertaram; e, não podendo suportar aquele aborrecimento, levantaram-se das respectivas camas. Uma das empregadas domésticas da mulher que o enganara, fingindo-se ainda cheia de sono, assomou à janela e, com toda a solenidade, perguntou:

— Quem é que está batendo?

— Oh! — exclamou Andreuccio. — Então você não me reconhece? Sou Andreuccio, irmão da sra. Fiordaliso.

Ao que ela objetou:

— Homem bondoso! Se você bebeu demais, trate de ir dormir e volte amanhã cedo! Não conheço nenhum Andreuccio, nem sei dessas tolices que você está proferindo. Vá com Deus! E deixe-nos dormir em paz!

— Como? — fez Andreuccio. — Então você não sabe o que digo? Mas não há dúvida que você sabe muito bem! Em todo caso, se todos os parentes da Sicília são dessa ordem, e em tão breve espaço de tempo se esquecem, devolva-me, pelo menos, as minhas roupas; as roupas que aí deixei; e depois me retirarei de bom grado, em companhia de Deus!

A isso, quase rindo, ela comentou:

— Homem bondoso: a mim, parece-me que você está sonhando.

Dizer isso, recolher-se e fechar a janela foram uma coisa só para aquela empregada doméstica. Em face dessa circunstância, Andreuccio, já certíssimo do prejuízo sofrido, e a ele resignado, se viu levado, pela mágoa, a converter em raiva a sua grande ira; e, por meio de injúrias, tentou reaver aquilo que as palavras de outro gênero não haviam conseguido recuperar. De novo, tomando de uma grande pedra, e com pancadas ainda mais violentas do que antes, começou a percutir selvagememente aquela porta. À vista de semelhante atitude, muitos dos vizinhos despertaram e saíram de suas camas, julgando que Andreuccio fosse um valentão desprezado pela amásia, a fazer uso fingido de tais expressões e de tais manifestações apenas para aborrecer aquela mulher. Entediando-se com a barulheira por ele provocada, os que assomaram às janelas procederam de maneira típica: assim como todos os cães de um

lugarejo passam a ladrar contra um cão forasteiro, assim também eles se puseram a vozear contra o moço; e disseram:

— É uma grande vilania vir você, a esta hora, à casa das bondosas mulheres para dizer tais sandices. Ora, vá com Deus, moço! Deixe-nos dormir, se faz favor. Se você tiver algo a tratar com essa mulher, volte amanhã; não é preciso estar aborrecendo-nos esta noite.

Talvez estimulado por essas palavras, um indivíduo, que se encontrava dentro da casa da mulher — mas que Andreuccio não vira nem ouvira — apareceu à janela; e, com voz grossa, horrível e hostil, indagou:

— Quem é que está aí embaixo?

Àquela voz, Andreuccio ergueu a cabeça; e viu um homem que, pelo pouco de que pôde formar noção, dava mostras de dever ser personagem muito importante; trazia o rosto todo envolto em basta e longa barba negra; parecia ter sido retirado da cama ainda sonolento; bocejava e esfregava os olhos. Diante dessa visão, Andreuccio, não sem medo, respondeu:

— Sou irmão da mulher aí de dentro.

O indivíduo barbudo, porém, não esperou que o moço terminasse a explicação; ao contrário: fez-se ainda mais ríspido do que antes; e disse:

— Não sei o que é que me segura e que não me deixa ir aí embaixo para lhe dar tanta bordoadas quanta for necessário para você não se mover mais, asno tedioso e bêbado que você é, e que não está nos deixando dormir esta noite!

Retirando-se para dentro da casa, o indivíduo fechou a janela.

Alguns vizinhos, que conheciam melhor as condições daquele indivíduo, aconselharam Andreuccio, falando de maneira humilde:

— Por Deus! Bom rapaz! Retire-se com os anjos! Não queira ser assassinado esta noite, neste lugar; vá embora, para seu próprio bem.

Diante disso, Andreuccio sentiu-se deveras assustado pela voz e pelo aspecto do indivíduo barbudo, e, ao mesmo tempo, reanimado pela solidariedade dos vizinhos, que lhe parecia que estivessem falando impelidos por sentimentos de caridade, mostrou-se mais pesaroso do que qualquer outra pessoa pelo aborrecimento que estava causando; mas ficou de todo desesperado pelo desaparecimento irremediável dos seus florins de ouro; e acabou encaminhando-se para os lados da cidade pelos quais acompanhara, de longe, durante o dia, a pequena aia; na verdade, nem sabia para onde ir; tomou, contudo, a direção certa para voltar ao hotel.

Andreuccio começou a desgostar de si mesmo, devido aos olores nauseabundos que dele se emanavam para ele mesmo. Com o propósito de ir para o mar, a fim de se lavar, virou à esquerda, entrando por uma rua acima, que se chamava *ruga Catalana*; rumando para o alto da cidade, viu, de súbito, dois homens que caminhavam em sentido contrário ao seu, com uma lanterna na mão. Receou que fossem da questura, ou que, ao contrário, estivessem preparados para praticar o mal. Desejou fugir deles; e, para isto, abrigou-se num casario que viu a pouca distância dali. Os dois homens, entretanto, como se rumassem precisamente para aquele lugar, entraram por aquele mesmo casario; ali, um deles, depois de descarregar algumas ferramentas que trazia a pender da cintura, começou a examiná-las, falando a respeito delas com o seu companheiro. Enquanto palestravam, um deles, interrompendo o curso da conversa, disse:

— Que é que isto quer dizer? Estou notando o mais horrível mau cheiro de que tenho memória.

Assim falando, ergueu a lanterna; e os dois homens viram o infeliz Andreuccio. Estupefatos, perguntaram-lhe:

— Quem é que está aí?

Andreuccio ficou calado; mas os homens, aproximando-se com o lume, indagaram, dele, o que é que produzia tamanho mau cheiro. Então, o rapaz narrou-lhes tudo o que lhe havia acontecido. Os homens, imaginando onde aquilo poderia ter ocorrido, disseram entre si:

— Em verdade, este moço esteve na casa do soldado mercenário Atirafogo.

Depois, dirigindo-se a Andreuccio, um deles falou:

— Bom moço: embora você haja perdido o seu dinheiro, muitas razões tem você para louvar a Deus, porque lhe aconteceu também essa história de cair de muito alto; bem seria provável que você, por tamanha queda, não pudesse voltar à sua casa, se a vontade de Deus nisso não interferisse a seu favor. Pode ter certeza de que, se você não caísse, ou se, antes de cair, houvesse adormecido, aquela gente o mataria; e então, com o seu dinheiro, você teria perdido também a vida. Afinal, porém, que importa chorar agora? Chorando você não conseguiria recuperar um níquel, como não poderá conseguir estrelas do céu. E tome nota: é bem possível que você venha a ser morto, se aquele indivíduo souber que você anda falando sobre o que lhe aconteceu.

Dito isso, os dois homens confabularam entre si; ao fim, disseram a Andreuccio:

— Olhe: nós estamos tendo compaixão de você. Por isto, se quiser fazer, em nossa companhia, o que vamos levar a efeito, estamos absolutamente certos de que o que lhe caberá na partilha terá muito mais valor do que tudo quanto você perdeu.

Andreuccio sentia-se desesperado; e respondeu que estava pronto a aquiescer. Naquele dia, fora sepultado um arcebispo de Nápoles;⁶ o cadáver fora vestido com paramentos riquíssimos; num de seus dedos, pusera-se um rubi que valia mais de quinhentos florins de ouro. Era este morto o que aqueles dois malfeitores queriam despojar. Os homens comunicaram o plano todo a Andreuccio. E este, mais ansioso de ganho do que convencido pelo conselho, pôs-se a caminho na companhia deles.

Enquanto se dirigiam à igreja maior, um dos homens disse, ao ver que Andreuccio cheirava tão fortemente mal:

— Será que não encontramos a forma de este moço se lavar um pouco, seja lá onde for? É preciso que ele deixe de cheirar tão mal!

Observou o outro:

— Encontramos, sim. Nós estamos aqui perto de um poço, no qual se acham a nora e o balde; vamos para lá; e assim o lavaremos com toda a comodidade.

Em chegando ao referido poço, verificaram que a corda ali estava, mas que o balde fora retirado. Deliberaram, pois, amarrar Andreuccio com a corda e descê-lo dentro do poço, para que ele, lá embaixo, se lavasse; combinaram que, quando ele se houvesse lavado, deveria sacudir a corda, para que os dois o puxassem para cima, retirando-o de lá. E assim se fez.

Aconteceu que, depois de os dois homens descerem o moço dentro da cisterna, algumas pessoas armadas, do serviço de questura da Senhoria da cidade, se dirigiram ao poço. Fosse devido ao calor, fosse por haverem corrido no encalço de alguém, essas pessoas estavam com sede; e queriam beber água. Os dois homens, assim que viram aquelas pessoas aproximando-se do poço, trataram de fugir. As pessoas, que desejavam beber água, não os viram. Entrementes, lá no fundo do poço, Andreuccio acabou de se lavar; e, como se combinara, sacudiu a corda. Aquelas pessoas, ansiosas por beber, depuseram no chão os seus escudos e as suas armas, bem como as suas sobrevestes; e começaram a puxar a corda do poço, na certeza de que um grande balde se

encontrasse preso à sua extremidade, lá embaixo. Quando Andreuccio se viu perto da boca do poço, deixou a corda e agarrou-se à beirada do peitoril, na tentativa de pular para fora. Aquelas pessoas, ao verem isto, foram logo tomadas de medo; não disseram palavra; largaram a corda que tinham estado a puxar e puseram-se a correr tanto quanto as suas pernas permitiam. De tudo isto, muito se admirou Andreuccio; tanto que, se não se houvesse segurado bem, teria caído de volta no fundo da cisterna. A queda não lhe aconteceria, provavelmente, sem ferir-se, ou mesmo sem morrer. Por fim, Andreuccio acabou saindo do poço; encontrou as armas no chão, e sabia que não tinham sido os seus companheiros a pô-las ali; e, então, mais ainda se maravilhou. Duvidando de tudo, sem saber no que se apegar para raciocinar claramente, lamentou a própria sorte; não buliu em coisa alguma; e resolveu retirar-se daquele lugar. Assim, começou a andar, sem saber para onde ir.

Caminhando, reencontrou-se com aqueles seus dois companheiros, que iam de volta ao poço, no propósito de o retirarem de lá. Quando o viram, esses companheiros muito se admiraram, e quiseram saber quem o havia retirado do fundo da cisterna. Andreuccio respondeu que não sabia; e contou-lhes, na devida ordem, aquilo que encontrara no chão, fora do poço. Então, os dois companheiros, informados do que havia ocorrido, riram muito, e, rindo, contaram, por sua vez, a razão pela qual tinham fugido, e quais eram as pessoas que o haviam puxado do poço para fora.

Sem trocar mais palavras, e como já era meia-noite, os três rumaram para a igreja maior; entraram muito cuidadosamente, encaminhando-se, sem preâmbulos, para o túmulo, que era de mármore e de grandes dimensões. Com uma barra de ferro, que tinham, ergueram a tampa, que era extremamente pesada; ergueram-na o suficiente para que um homem pudesse entrar; e escoraram-na. Feito isso, um dos homens disse:

— Quem é que vai entrar?

Ao que o outro respondeu:

— Eu, não!

— Nem eu! — retorquiu o primeiro. E ordenou: — Entre você, Andreuccio!

— Isso é que não farei! — exclamou Andreuccio.

Voltando-se para o moço, os dois homens impuseram:

— Como é que você não vai entrar? Por nossa fé em Deus! Se você não entrar, nós lhe daremos tanta pancada na cabeça, com estas barras de ferro, até

você cair lá dentro morto.

Temendo que a ameaça se executasse, Andreuccio entrou no túmulo. E, entrando, pensou, de si para consigo: “Estes dois me obrigam a entrar para melhor poderem me enganar; quando eu tiver dado tudo o que eles desejam, e estiver tratando de sair desta sepultura, eles se retirarão, a fim de tratar dos próprios negócios; e eu ficarei sem coisa alguma.” Assim raciocinando, pensou que deveria ser de bom aviso procurar pôr de lado, antes de mais nada, a parte que lhe deveria caber. Lembrou-se, então, do precioso anel de que lhe haviam falado. Logo ao descer ao fundo do sepulcro, tirou-o do dedo do cadáver do arcebispo e pô-lo no seu. A seguir, entregou, lá de baixo, aos companheiros que se encontravam em cima, o báculo, a mitra e as luvas; despiu o cadáver até à camisa; depois de dar tudo aos companheiros, disse-lhes que nada mais havia, ali, para retirar. Os companheiros, afirmando que deveria haver ainda o anel, ordenaram-lhe que o procurasse por toda parte, no túmulo. Mas Andreuccio declarou que não o encontrava; fingiu, porém, que estava prosseguindo na procura; e, com isto, obrigou-os a perder longo tempo na espera, lá em cima. Os companheiros, porém, que, como Andreuccio, também eram espertos e desconfiados, renovaram a ordem para que ele, lá embaixo, tornasse a procurar bem o anel; por essa forma, eles, por sua vez, ganharam tempo, e retiraram a espora que sustinha a tampa do sepulcro; depois, fugindo, abandonaram Andreuccio encerrado no túmulo de mármore.

Qualquer pessoa pode imaginar o que o moço de Florença sentiu, quando percebeu aquilo. Seja com a cabeça, seja com os ombros, tentou erguer a tampa; mas tudo foi em vão. Andreuccio, já sem forças, pela fadiga, e tomado de profundo desespero, perdeu os sentidos, caindo sobre o corpo morto do arcebispo. Quem contemplasse, então, os dois corpos, teria dificuldade em distinguir qual deles mais morto se encontrava: se o do arcebispo ou se o de Andreuccio. Assim, porém, que o moço voltou a si, pôs-se a chorar copiosamente; notou que teria fatalmente de chegar a um destes dois fins — ou acabaria naquele túmulo, se ninguém mais fosse abri-lo ainda em tempo de o socorrer; e então morreria de fome e de mau cheiro, entre os vermes do cadáver que já ali se achavam; ou acabaria nas mãos de alguém que abrisse o túmulo, que ali o visse e o encontrasse, e que achasse que ele, Andreuccio, na qualidade de ladrão de sepulturas, deveria ser enforcado. Pensando esses pensamentos e sentindo-se profundamente adolorado, o infeliz ouviu rumores indicativos de que, pelo âmbito da igreja, alguma gente passava e repassava;

peessoas falavam; e todos os que falavam lhe davam a entender que pretendiam fazer, naquele túmulo, o que ele, com os seus antigos companheiros, já haviam feito. Por isso, mais apavorado ainda ficou. Quando, porém, os novos ladrões abriram a sepultura e aplicaram uma escora à tampa, eles se puseram a discutir sobre quem se encontrava na obrigação de entrar; mas ninguém se mostrava animado a semelhante demonstração de audácia. Contudo, depois de longa altercação, um padre disse:

— De que é que vocês têm medo? Pensam vocês que o morto os possa morder? Os mortos não comem os vivos. Pois eu mesmo entrarei neste túmulo.

Assim falando, pôs o peito na orla do sepulcro; virou a cabeça para o lado de fora; e atirou para dentro as pernas, a fim de descer em pé no interior do jazigo. Ao notar isto, Andreuccio ergueu-se, agarrou o padre por uma das pernas e fez menção de o puxar para baixo. O padre, ao defrontar-se com semelhante imprevisto, emitiu um grito estridente; e, rápido, atirou-se para fora da sepultura. Em face desta circunstância, todos os outros se espavoriram; abandonaram a tumba aberta; e puseram-se a correr como se estivessem sendo perseguidos por mil diabos. Assistindo a este efeito da sua esperteza, Andreuccio, muito mais alegre do que esperava poder estar, não perdeu tempo; lançou-se para fora do túmulo; logo depois, saiu da igreja por onde tinha entrado.

Aproximava-se o raiar do dia. Com aquele anel no dedo, Andreuccio caminhou ao deus-dará; chegou à praia; e, de lá, rumou para o seu hotel. Verificou, então, que os seus companheiros de hospedagem e o dono do hotel haviam passado a noite toda à sua procura. Andreuccio contou-lhes tudo quanto lhe acontecera; e, de acordo com conselho do próprio hoteleiro, afigurou-se-lhe que melhor seria partir incontinentemente de Nápoles. E foi isso o que Andreuccio fez, sem perder tempo. Voltou, pois, a Perúsia, tendo, como se vê, invertido todo o seu capital num anel, quando partira, ao contrário, com o propósito de comprar cavalos.

Notas

1. Literalmente, Mauburaco, ou Buracomau. Ali havia uma rua mal-afamada, que recebera esse nome devido a uma abertura rasgada no muro de cinta da cidade de Nápoles, perto da atual rua Catalana.
2. Um dos grandes partidos políticos da Europa, da última fase da Idade Média; o outro era o dos guibelinos, ou gibelinos. Os guelfos representavam a burguesia e apoiavam o poder temporal do papa; os gibelinos apoiavam a nobreza feudal, sendo a favor do poder do Sacro Império Romano. As rivalidades dos dois grupos duraram do século XII ao século XV.
3. Carlos II, de Anjou, chefe guelfo na Itália; foi para a Itália em 1265, tornando-se senhor de Nápoles e da Sicília.
4. Frederico II, de Aragão; proclamado rei da Sicília, em 1296.
5. *Ruga Catalana*, que ainda hoje existe, em Nápoles; tem a designação de “rua” (não de “*via*” nem de “*strada*”) por influência do francês “*rue*”.
6. Filipe de Minutolo foi, de fato, arcebispo de Nápoles e morreu em 1301. Filiberto Campanile, historiador napolitano, assegura que ele “foi sepultado com riquíssimos ornamentos”.

QUARTA JORNADA

QUINTA NOVELA

Viviam, pois, em Messina, três jovens irmãos, que eram também três mercadores, e três homens muito ricos, principalmente depois da morte do pai, que procedera de San Gimignano. Estes irmãos tinham uma irmã, chamada Lisabetta, que era moça muito bonita e muito bem-educada; fosse lá por que razão fosse, eles ainda não a haviam casado. Além disto, aqueles irmãos tinham, num seu armazém, um mocinho pisano, chamado Lourenço, que lhes orientava e fazia todos os negócios. Este Lourenço era muito bem-apeçoado e de maneiras galantes. Lisabetta observou-o inúmeras vezes; e, muito estranhamente, começou a gostar do rapaz. Lourenço percebeu o fato, em várias oportunidades; por isso, deixou as outras namoradas de lado e começou a concentrar seus anseios na pessoa de Lisabetta.

As coisas correram por tal forma, que, gostando-se os dois, um do outro, dentro de pouco tempo, com a devida prudência, passaram a fazer e a gozar aquilo a que mais aspiravam fazer e gozar. Prosseguiram nessas condições. Auferiram, assim, bons tempos e intensos prazeres; mas não souberam conservar em segredo as suas relações. Tanto que, certa noite, quando Lisabetta se dirigia para o lugar onde Lourenço dormia, o mais velho dos seus irmãos, de tudo teve conhecimento, sem que ela desse por isso. Este irmão era moço comedido e ponderado; ficou muito aborrecido, por certo, ao descobrir o que descobriu; mas se viu levado por um raciocínio honrado; não fez nem disse coisa alguma a tal respeito, naquela hora; várias coisas andou imaginando e pensando, em torno do fato; e assim se manteve até a manhã seguinte.

Quando o novo dia despontou, contou, aos seus irmãos, o que havia visto passar-se, na noite anterior, entre Lisabetta e Lourenço. Os três irmãos trocaram ideias por longo tempo; por fim, deliberaram calar-se a propósito do que sabiam, para que nenhuma vergonha, ou infâmia, recaísse sobre eles, nem

sobre a irmã; resolveram fingir que não haviam visto, nem sabido, fosse lá o que fosse, até que chegasse a hora em que eles, sem dano algum, nem inconveniência, pudessem limpar do próprio rosto essa mancha; mas decidiram que essa hora deveria chegar antes que o mal perdurasse por mais tempo.

Com essa disposição de espírito, os três irmãos saíram da cidade, levando em sua companhia o jovem Lourenço, como costumavam fazer; brincando e rindo, lá se foram todos. Ao chegar a um lugar muito distante e solitário, os irmãos julgaram apropriado o momento; mataram Lourenço, que, de nada suspeitando, não se pusera em guarda; e enterraram-lhe o corpo, de modo que ninguém pudesse notar o que acontecera.

Voltaram os irmãos para Messina; ali, fizeram correr a notícia de que haviam mandado Lourenço a algum lugar, para tratar de negócios. A isso se deu crédito, sem dificuldade, porque se haviam habituado, a mandar, com muita frequência, aquele moço para as redondezas.

Lourenço não voltou mais; como não voltasse, Lisabetta passou a perguntar por ele, com muita insistência, aos seus irmãos; era evidente que a longa ausência do moço lhe causava preocupações. Um dia, aconteceu que, por ela interrogar com persistência ainda maior, um dos irmãos lhe disse:

— Que quer dizer esta sua insistência? Que é que você tem de fazer com Lourenço, para perguntar por ele com tanta frequência? Se continuar a perguntar, nós lhe daremos a resposta a que você faz jus.

À vista disto, a moça, aflita e triste, passou a não perguntar mais coisa alguma; contudo, receava, embora não soubesse o quê. Muitas e muitas vezes, durante a noite, chamou o rapaz e suplicou-lhe que regressasse à sua companhia. De quando em quando, chorava, derramando muitas lágrimas, devido à prolongada ausência do amante; e, sem alegrar-se nunca, prosseguiu esperando que Lourenço, um dia, lhe reaparecesse.

Aconteceu, certa noite, que Lisabetta chorou muito a ausência de Lourenço, que não voltava; por fim, mesmo chorando, acabou por adormecer. E Lourenço, então, lhe apareceu em sonho; surgiu pálido, em completo desalinho, com a roupa toda rasgada e molhada; e pareceu, a ela, que ele dissesse:

— Oh! Lisabetta! Você não faz mais do que chamar-me; entristece-se, devido à minha longa ausência; e, com as suas lágrimas, me acusa

severamente; por isto, é bom que saiba que eu não posso mais voltar; no último dia em que você me viu, os seus irmãos me mataram.

A aparição indicou o lugar onde seu corpo havia sido enterrado; e recomendou que não o chamasse mais, nem o esperasse de maneira alguma; e dissipou-se.

A moça despertou; deu crédito à visão que tivera; e tornou a chorar amargamente. Na manhã seguinte, ergueu-se; não ousou dizer coisa alguma aos irmãos; e resolveu ir ao lugar indicado, a fim de verificar se era verdade aquilo que no sono lhe aparecera. Obteve permissão para ir um pouco além dos limites da cidade, como que para fazer exercício; e, em companhia de uma aia, que já estivera a seu serviço e que conhecia todos os seus segredos, saiu de casa, o mais cedo que pôde, dirigindo-se para aquele lugar. Ali, retirou as folhas secas, que se haviam depositado no chão; e cavou a terra onde lhe pareceu que ela era menos consistente. De resto, não precisou cavar muito, pois logo encontrou o corpo do seu infeliz amante; esse corpo não estava ainda desfeito, nem decomposto; em consequência, convenceu-se de que era verdade o que a visão lhe dissera.

Sentiu-se, pois, profundamente entristecida; percebeu que, já então, de nada mais adiantava chorar; se lhe houvesse sido possível, de bom grado teria levado consigo, dali, o corpo todo, a fim de lhe dar sepultura mais decorosa. Verificando, porém, que isso não podia dar-se, separou, por meio de uma faca, e da melhor forma que pôde, a cabeça daquele busto; envolveu a cabeça numa toalha; tornou a atirar terra por cima do resto do corpo; pôs a cabeça nos braços da aia; em tudo isso, não foi vista por pessoa alguma; retirou-se dali, regressando à própria casa.

Em casa, fechou-se, em seu quarto, com aquela cabeça; sobre ela, chorou longa e amargamente; chorou tanto que, com as suas lágrimas, a lavou; e beijou-a com mil beijos por toda parte. Depois, pegou um belo vaso grande, de terracota, daqueles nos quais se planta o manjerição, ou o basilcão; colocou, dentro deste vaso, a cabeça de Lourenço, envolta em rico tecido; depois, lançou terra por cima; e, afinal, ali plantou vários pés de basilcão de Salerno, que nunca regava com outra água que não fosse de rosas, ou de flores de laranjeira, ou com as suas lágrimas. Acostumou-se a sentar-se sempre perto deste vaso, e a contemplá-lo com uma expressão que traduzia todo o seu desejo, como se ele contivesse o seu Lourenço escondido. Em regra, depois de contemplar longamente o vaso, aproximava-se mais dele, recomeçava a

chorar, e por longo tempo continuava chorando, a tal ponto que banhava todo o basilição. E o basilição, seja devido ao longo e contínuo trato, seja pela fertilidade da terra, decorrente da cabeça putrefata que no seu interior se encontrava, tornou-se uma planta belíssima e fortemente odorífera.

Agindo continuamente por essa forma, a moça foi várias vezes vista pelos seus vizinhos. A esses vizinhos, os irmãos de Lisabetta haviam manifestado a sua estranheza, devido à beleza dela, que desaparecia, parecendo até que os olhos se lhe houvessem fugido da cabeça; e os vizinhos, então, disseram, àqueles irmãos:

— Nós notamos que ela se comporta dessa maneira.

Os irmãos ouviram isso; perceberam do que se tratava; aliás, já a haviam repreendido por aquele comportamento, embora sem resultado; e, certo dia, sem que ela o notasse, retiraram o vaso. A moça, depois, não encontrando o vaso no respectivo lugar, pediu a sua restituição, inúmeras vezes e com grande insistência. Como o vaso não lhe era devolvido, e como não cessavam o seu pranto e as suas lágrimas, ela enfermou; durante toda a doença, nada mais pediu do que a restituição do vaso. Os irmãos muito se admiraram de tamanha insistência na recuperação do vaso; por isso, quiseram verificar o que havia dentro dele. Retiraram-lhe a terra; encontraram o rico tecido, e, envolta por este, a cabeça; esta já estava decomposta, mas ainda não a ponto de tornar impossível reconhecer, pelos cabelos crespos, que pertencera a Lourenço. Os moços ficaram surpresos, em face daquela descoberta; recearam que se viesse a saber o que haviam feito; cautelosamente, pois, puseram seus assuntos em ordem e saíram de Messina, rumando para Nápoles.

A moça nunca deixou de chorar; continuou sempre a pedir que lhe restituíssem o vaso; e, sempre chorando, morreu. Assim, o seu desventurado amor teve termo.

Depois, porém, o episódio se tornou conhecido de muita gente; e, então, alguém compôs aquela canção que ainda hoje se canta, isto é:

*Quem foi o mau cristão
Que me roubou o vaso
etc.²*

Notas

1. Natural da cidade de Pisa, Itália.
2. Esta novela parece relatar um fato realmente acontecido, pois a canção a que Filomena alude ao fim da sua narrativa, a respeito do vaso, ainda era cantada pelo povo nos tempos de Boccaccio.

SEXTA JORNADA

DÉCIMA NOVELA

Certaldo, como talvez vocês tenham ouvido dizer, é um castelo de Val d'Elsa, erguido no nosso condado. A despeito de ser pequeno, esse castelo já foi habitado por homens nobres e abastados. A esse castelo, onde sempre encontrava boa pastagem, habituara-se a ir, uma vez por ano, todos os anos, a fim de recolher as esmolas dadas pelos tolos, um dos frades de Santo Antônio, que se chamava frade Cipolla. Era ele conhecido, não menos pelo nome do que por outra devoção, a cujo exercício todos o viam entregar-se de bom grado, porquanto aquelas terras produzem cebolas famosas por toda a Toscana. Este frade Cipolla era de pequena estatura, de cabelos ruivos e de rosto alegre; consideravam-no o melhor companheiro do mundo. Além disto, como não possuía ciência alguma, compensava tudo por ser ótimo orador e ter a palavra pronta; tanto era assim que a pessoa que não o conhecesse, não somente o tomaria, desde logo, por um grande retórico, mas até diria ser ele o próprio Túlio,¹ ou mesmo Quintiliano. De quase todos os habitantes da região, ele era compadre, ou amigo, ou benquerente.

De acordo com o seu costume, o frade Cipolla dirigiu-se um dia àquele castelo, no mês de agosto, entre outras vezes. Em certa manhã de domingo, observou que todos os bons homens e todas as bondosas mulheres das vilas vizinhas haviam comparecido à missa, na igreja católica do lugar. Assim, quando lhe pareceu oportuno, ele adiantou-se e disse:

— Senhores e senhoras: como os senhores sabem, o costume que os senhores instituíram é o de mandar, todos os anos, aos pobres do senhor Santo Antônio,² uma parte do seu trigo e uma parte da sua aveia; uns mandam pouco; outros, muito; cada qual manda conforme o que pode e a devoção que tem, a fim de que o beato Santo Antônio monte guarda aos seus bois, aos seus jumentos, aos seus porcos e às suas cabras. Além disso, os senhores costumam pagar, principalmente aqueles que se acham inscritos na nossa confraria,

aquela contribuição que se paga uma vez todos os anos. Para este fim, eu fui mandado pelo meu superior, isto é, pelo senhor abade. Por isso, com a bênção de Deus, quando vocês ouvirem tocar a sineta, depois da hora nona, deverão vir para cá, fora da igreja, no lugar onde eu, à maneira do costume, lhes farei o sermão; vocês beijarão a cruz; além disso, como sei que vocês todos são devotadíssimos ao senhor Santo Antônio, farei uma graça especial; mostrar-lhes-ei uma relíquia, santíssima e muito bela, que eu mesmo, em outros tempos, trouxe de terras de além-mar. Essa relíquia é uma das penas do anjo Gabriel, que ficou no quarto da Virgem Maria, quando ele Lhe foi anunciar, em Nazaré.

Dito isso, o frade calou-se e voltou à missa.

Quando o frade Cipolla disse essas coisas, encontravam-se, entre muitos outros, na igreja, dois moços muito espertos, dos quais um se chamava Giovanni del Bragoniera e o outro, Biagio Pizzini.³ Depois de rirem, entre si, durante algum tempo, da relíquia do frade Cipolla, esses dois moços, embora fossem muito seus amigos e pertencessem ao mesmo grupo, resolveram levar a efeito uma burla contra o frade, a propósito da referida pena. Os dois sabiam que, pela manhã, o frade almoçava no castelo, em companhia de um amigo; portanto, assim que perceberam que ele já se encontrava à mesa, desceram à estrada e foram para o hotel onde o frade se havia hospedado; e o fizeram com este propósito: Biagio deveria entreter, conversando, o fâmulos do frade Cipolla; e Giovanni deveria procurar, entre as coisas pertencentes ao frade, a mencionada pena, estivesse ela onde estivesse; encontrando-a, surripia-la-ia, a fim de se verificar de que maneira o religioso explicaria o fato ao povo.

O frade Cipolla tinha um fâmulos, que alguns chamavam Guccio Balena, e alguns outros Guccio Imbratta, não faltando os que o denominavam Guccio Porco. Este fâmulos era por tal forma perverso, que não é verdade que, alguma vez, Lippo Topo haja praticado malvadeza semelhante às dele. Por isso, o frade Cipolla costumava brincar com o seu grupo, dizendo:

— O meu fâmulos tem, em si, nove coisas de tal ordem, que, se qualquer uma delas, mesmo isoladamente, houvesse existido em Salomão, ou em Aristóteles, ou em Sêneca, teria sido bastante para arruinar toda a virtude, toda a sabedoria, toda a santidade de quaisquer deles. Pensem, pois, que homem que ele é, porquanto, nele, não existe virtude, nem sabedoria, nem santidade, tendo ele, entretanto, nove coisas em si!

De quando em quando, o frade era interrogado sobre quais eram aquelas nove coisas; e ele, que as havia elencado a seu gosto, respondia:

— Vou dizê-las: ele é lento, sujo e mentiroso; negligente, desobediente e maledicente; descuidado, desmemoriado e mal-educado. Além do quê, ele possui mais alguns defeitozinhos, que não se dizem, para não se agravar o caso. E aquilo que induz a gente a rir desmesuradamente, quanto aos negócios da vida dele, é que ele, por toda parte, quer casar-se e conseguir casa e comida. Tem barba grande, negra e untada; entretanto, está convencido de que é belo e agradável; pensa que todas as mulheres que o veem se enamoram dele; e, na verdade, se a gente o deixasse livre, correria atrás de todas, ainda que lhe caíssem as calças. É certo que ele me presta grande auxílio, porque não há ninguém que me queira falar tão em segredo, a ponto de impedir que ele ouça a sua parte; e se acontece ser eu perguntado sobre alguma coisa, ele tem tanto medo que eu não saiba responder, que prontamente responde por mim, dizendo sim, ou não, como julga melhor que seja conveniente!

Era esse fâmulos que o frade Cipolla havia deixado no hotel, recomendando-lhe que prestasse bem atenção, para que ninguém bulisse em suas coisas e, especialmente, nos seus alforjes, porque era dentro destes que se encontravam os objetos sagrados. Entretanto, Guccio Imbratta gostava mais de ficar na cozinha do que o rouxinol poderia gostar de se meter por entre verdes ramos; e ainda mais gostava se percebia, na cozinha, a presença de alguma criada.

Ora: ele viu, na cozinha daquele hotel, uma criada gordinha, redonda e baixota, um pouco malfeita; ela possuía um par de seios que parecia um par de cestos para se carregar estrume, e um rosto que parecia pertencer aos Baronci; ademais, andava toda suada e enfumaçada. Assim como o abutre se lança à carniça, assim também, deixando o quarto do frade Cipolla e todas as suas coisas em abandono, Guccio se atirou àquela mulher. A despeito de se estar no mês de agosto, ele sentou-se perto do fogo e começou a falar com a mulher, que tinha o nome de Nuta; entrando em conversação, disse-lhe que era gentil-homem, por ser procurador do frade; assegurou-lhe que possuía mais de milcentenove⁴ florins, afora aqueles que ele tinha para dar aos outros, que eram talvez mais, e nunca menos; acrescentou que sabia fazer e dizer tantas coisas, que Deus jamais saberia quais eram; naquela altura, ele deixou de levar em consideração o próprio capuz, no qual havia tanto engorduramento que bastaria para temperar o caldeirão de Altopascio;⁵ esqueceu-se da própria

indumentária rasgada e remendada, toda esmaltada de sujidade ao redor do pescoço e por baixo das axilas; não viu as manchas de sua roupa, que eram mais numerosas e de mais cores do que as que jamais apareceram em vestes de tártaros ou de indianos; também deixou de notar os próprios escarpins, todos rotos, e as próprias meias, esburacadas; e disse, à moça, quase como se fosse o sr. de Castiglione, que desejava vesti-la toda de novo, a fim de a recolocar na devida ordem; que desejava, igualmente, retirá-la daquele cativoiro de ter de estar a serviço dos outros; e que desejava, por fim, embora não tivesse propriedade alguma, incutir-lhe a esperança de melhor sorte. Disse-lhe muitas outras coisas mais; mas as suas palavras, embora proferidas afetuosamente, foram todas convertidas em vento; como acontecia com as mais belas das suas aventuras, deram em nada.

Os dois moços, pois, foram encontrar Guccio Porco ocupado ao redor de Nuta. Ficaram satisfeitos com isso, uma vez que, assim, metade da sua tarefa não precisava mais ser levada a termo. Nenhum dos dois, portanto, foi falar com Guccio; ambos entraram no quarto do frade Cipolla, quarto este que encontraram aberto; a primeira coisa que apanharam, para revistar, foi precisamente o alforje dentro do qual se encontrava a pena. Aberto o alforje, encontraram uma caixinha, envolta numa grande peça de tafetá; aberta a caixinha, dentro dela encontraram uma pena, dessas que se parecem com as da cauda de um papagaio; e deduziram que deveria ser essa a pena que o frade prometera mostrar aos certaldenses.

Não havia dúvida que, naqueles tempos, o frade Cipolla conseguiria facilmente que acreditassem nas suas palavras, porque, então, as coisas macias, procedentes do Egito, ainda não tinham sido, a não ser em quantidade muito reduzida, levadas para a Toscana; só mais tarde é que elas, em quantidades enormes, foram introduzidas, difundindo-se por toda a Itália. Sendo pouco conhecidas por toda parte, menos ainda o eram pelos habitantes daquele lugar. Ali perdurava a honestidade rústica dos antigos, que não só nunca tinham visto papagaio algum, como também nunca haviam ouvido alguém que tivesse mencionado a existência de tal ave. Satisfeitos, pois, os dois moços, por haverem encontrado a pena, retiraram-na de lá; e, para não deixar a caixinha vazia, encheram-na com alguns carvões que viram em um canto do quarto; fecharam a caixinha e tornaram a arrumar tudo como estava antes; não foram vistos por ninguém; de lá saíram, satisfeitos, com a pena; e

puseram-se a esperar aquilo que o frade Cipolla talvez dissesse, ao encontrar, em lugar da pena, pedaços de carvão.

Os homens e as mulheres simples, que estavam na igreja, ouvindo a notícia de que iriam ver a pena do anjo Gabriel, depois da hora nona, rumaram para casa, assim que a missa foi dita; um vizinho falou do caso a outro; uma comadre comunicou a informação a outra; assim, logo depois do almoço, tantos homens e tantas mulheres acorreram ao castelo, que mal nele cabiam; e ali permaneceram, com o intenso desejo de contemplar a mencionada pena.

O frade Cipolla, depois de haver bem almoçado e, a seguir, bem dormido por algum tempo, acordou e ergueu-se, um pouco após a hora nona. Observando que era enorme a multidão de camponeses que acorrera para contemplar a pena, mandou dizer, a Guccio Imbratta, que se dirigisse ao castelo, com as sinetas e com os alforjes. O fâmulosó a muito custo se separou da cozinha e de Nuta; e, afinal, com as coisas pedidas pelo frade, ao castelo se dirigiu. Guccio lá chegou ofegante, porque a muita água que bebera lhe havia feito crescer excessivamente o corpo; depois, por ordem do frade Cipolla, foi para a porta da igreja, onde começou a tocar as sinetas com toda a força.

Ali, depois que todo o povo do lugar se reuniu, o frade Cipolla, sem perceber que alguma coisa no seu alforje havia sido tocada, começou a sua prédica; e proferiu inúmeras palavras, todas tendentes a encaminhar a alma do povo para as suas conveniências próprias. Chegando, por fim, ao momento em que teria de apresentar a pena do anjo Gabriel, procedeu, primeiro, com grande solenidade, à confissão; em seguida, mandou acender duas tochas; depois, puxando para trás o capuz e descobrindo a cabeça, desenrolou delicadamente o tafetá e acabou pondo em evidência aquela caixinha. Proferiu, ainda, umas palavrinhas, em louvor e em súplica ao anjo Gabriel e à sua relíquia. Afinal, abriu a caixinha.

Ao vê-la cheia de carvões, não suspeitou que aquilo lhe pudesse ter sido feito por Guccio Balena, pois não sabia ser ele capaz de tamanha audácia; também não amaldiçoou o fâmulos, por não haver ele mantido a vigilância, a fim de que terceiros não praticassem aquele gesto; mas blasfemou, de si para consigo, contra si mesmo, porquanto havia entregado a guarda de tão preciosa relíquia a um homem como Guccio, a despeito de saber que ele era negligente, desobediente, descuidado e desmemoriado. Mas o frade, mesmo

assim, não se perturbou aos olhos do povo. Sem mudar de cor, ergueu o rosto e as mãos para o céu; e disse, de forma que pudesse ser ouvido por todos:

— Oh! Deus! Seja louvada sempre a Tua potência!

A seguir, fechou a caixinha; e, voltando-se para o povo, declarou:

— Senhores e senhoras: vocês devem saber que, ao tempo em que eu ainda era muito moço, fui mandado, pelo meu superior, para aquelas terras onde o sol se ergue; vi-me incumbido, por ordem expressa, de procurar, até encontrá-los, os privilégios de Porcelana; nada custou selar esses privilégios; mas eles são mais úteis aos outros do que a nós. Por este motivo, pus-me a caminho. Parti de Veneza; passei pelo Borgo dos Gregos; dali, rumei para o reino do Garbo, sempre cavalgando; pela via de Baldacca, cheguei a Parione, de onde, não sem sede, após algum tempo cheguei à Sardenha. Mas por que motivo estou eu indicando, a vocês, todos os países visitados por mim? Depois de atravessar o braço de São Jorge, aconteceu-me visitar Trúfia e Búfia, terras muito habitadas e possuidoras de grande povo; dali, dirigi-me à terra de Mentira, onde encontrei, em grande número, muitos dos nossos frades e representantes de outras religiões; estes andavam todos fugindo ao desconforto pelo amor de Deus; pouco se incomodavam com os esforços alheios, quando queriam que as suas conveniências fossem satisfeitas; e não utilizavam, por aquelas bandas, outra moeda que não aquela que não foi cunhada. Depois, encaminhei-me pela terra dos Abruzos, onde os homens e as mulheres sobem de tamancos as encostas das montanhas, e revestem as carnes de porco com as próprias tripas do animal. Um pouco mais adiante, encontrei gente que carregava o pão enfiado em varas, como se fosse carne ao espeto, e vinho em sacos de couro, chamados odres. Cheguei, assim, às montanhas do Bachi, onde todas as águas correm para baixo. Dentro em breve, andei tanto para o interior, que me vi na Índia Pastinaca,⁶ onde, juro-lhes pelo hábito que trago comigo, que vi voarem os emplumados, coisa incrível para quem não a tenha visto. Quanto a isto tudo, que não me deixe mentir Maso del Saggio, que é um grande mercador que por lá encontrei; esse indivíduo quebrava nozes e vendia as cascas no varejo. Como, porém, eu não conseguia encontrar o que andava procurando, voltei, porque dali para diante se vai por água; assim, cheguei àquelas santas terras, onde, no ano de verão, o pão frio vale quatro dinheiros e o pão quente é dado a troco de nada. Ali encontrei o venerável padre sr. Nonmiblasmete Sevoipiace, digníssimo patriarca de Jerusalém. Este padre, em sinal de reverência para com o hábito que sempre

enverguei, do barão senhor Santo Antônio, quis que eu contemplasse todas as santas relíquias que ele tinha consigo. Eram tantas as relíquias, que, se eu quisesse contá-las todas, não acabaria antes de andar muitas e muitas milhas. Mesmo assim, para que vocês não fiquem desiludidos e desconsolados, vou contar-lhes algumas. Ele, em primeiro lugar, me mostrou o dedo do Espírito Santo, inteiro e firme como jamais o possa ter sido; mostrou-me também o topete do serafim que apareceu a São Francisco; e uma das unhas dos querubins; e uma das costelas do Verbumcaro⁷ posta às janelas; e várias vestimentas da Santa Fé Católica; e alguns dos raios da estrela que apareceram aos três Magos do Oriente; e uma ampola do suor de São Miguel, de quando combateu com o Diabo; e o maxilar da morte de São Lázaro; e muitas outras. E visto que eu o presenteei, generosamente, com várias das chagas de Monte Morello, em língua vulgar, e com alguns dos capítulos do Caprezio, coisas que ele há muito andava procurando, ele me fez coproprietário das suas santas relíquias; deu-me um dos dentes da Santa Cruz; deu-me também, numa pequena ampola, um pouco do som dos sinos do templo de Salomão; deu-me, igualmente, a pena do anjo Gabriel, da qual já lhes falei; e um dos tamancos de São Geraldo de Vilamagna; não faz muito tempo, eu, em Florença, dei esse tamanco a Gherardo di Bonsi, que o conserva com enorme devoção; deu-me também aquele patriarca alguns carvões, com os quais foi assado o mártir beatíssimo São Lourenço. Todas estas coisas, eu as trouxe para aqui comigo; e conservo-as todas. É verdade que o meu superior nunca tolerou que eu as mostrasse, enquanto não se certificou da sua autenticidade. Agora, porém, ele está convencido da sua autenticidade, seja devido a determinados milagres que tais relíquias fizeram, seja devido a cartas que ele recebeu do patriarca; por isto, concedeu-me licença para que eu as mostre; mas eu, sempre com receio de as confiar a outras pessoas, carrego-as comigo. É exato que eu trago a pena do anjo Gabriel, para que não se estrague, numa caixinha; os carvões, com os quais São Lourenço foi assado, trago-os em outra caixinha; as duas caixinhas, porém, são tão semelhantes entre si, que, com frequência, me acontece pegar numa pensando pegar na outra; e foi isto o que agora me aconteceu. Eu acreditei estar trazendo, para aqui, a caixinha dentro da qual se encontrava a pena; em vez disso, trouxe aquela dentro da qual se acham os carvões. Aliás, não considero isto um erro; ao contrário; até se me afigura que isto obedeceu à vontade de Deus; deve ter sido Ele mesmo quem me pôs a caixinha nas mãos, a fim de me recordar, oportunamente, que o dia comemorativo de São

Lourenço ocorre daqui a dois dias.⁸ Por isto, desejou Deus que eu mostrasse a vocês os carvões com os quais o santo foi assado, a fim de reacender, na sua alma, a devoção que por ele vocês devem ter; evitou que eu trouxesse a pena, fazendo com que eu pegasse e trouxesse os benditos carvões apagados pelo sangue daquele santíssimo corpo. Por esta razão, meus filhos abençoados, puxem para trás os capuzes e apressem-se a vir vê-los aqui. Antes, porém, quero que vocês saibam que seja lá quem for que venha a ser tocado por estes carvões, em sinal de cruz, poderá estar certo de que, durante o ano todo, o fogo não o tocará, sem que isso se perceba.

Depois de falar por essa forma, o frade, cantando um louvor a São Lourenço, abriu a caixinha e mostrou os carvões. A multidão estulta contemplou a relíquia com reverente admiração; a seguir, todos se apressaram a falar ao frade Cipolla, fazendo-lhe ofertas muito maiores do que aquelas que estavam habituados a proporcionar; cada qual suplicava para que o frade o tocassem com os referidos carvões. Em consequência, o frade Cipolla tomou em suas mãos os carvões; e, com eles, começou a traçar, nas camisolas brancas, nas vestes e nos véus das mulheres, as maiores cruzes que ali coubessem; afirmou que, na quantidade em que aqueles carvões se consumiam, por se traçarem aquelas cruzes, os mesmos carvões depois tornavam a crescer na caixinha, de acordo com o que ele muitas vezes havia verificado.

Dessa maneira, depois de marcar com cruzes todos os certaldenses, e não sem enorme proveito, o frade, por via de grande esperteza, escarneceu daqueles que, roubando-lhe a pena, haviam pensado escarnecer dele.

Os moços que a haviam roubado tinham estado presentes à prédica do frade; depois de ouvirem o recurso de que ele se socorreu, narrando aquela viagem a terras longínquas, por meio daquelas palavras, puseram-se a rir tanto, que se pensou que iriam deslocar o maxilar. Os moços esperaram que o vulgo se retirasse dali; depois, dirigiram-se ao frade, ao qual, com a maior alegria do mundo, revelaram o que haviam feito; a seguir, entregaram-lhe novamente a pena. Essa pena, no ano seguinte, valeu, ao frade, nada menos do que lhe haviam valido os carvões.

Notas

1. O autor alude a Marco Túlio Cícero.
2. Trata-se de Santo Antônio, abade, cujo dia de comemoração é 17 de janeiro; este santo é o protetor dos animais domésticos e, particularmente, do porco.
3. Todos os nomes que aparecem nesta novela correspondem a pessoas que realmente existiram. O assunto deve ter chegado aos ouvidos de Boccaccio através das tradições orais de Certaldo, lugar que ele visitava com frequência.
4. O autor usou, em italiano, a palavra *milantanove*. Milentenove é a nossa tradução. O vocábulo designa quantidade puramente imaginária, para acentuar o caráter de fanfarronice do fâmulo.
5. Nome de castelo e de localidade da região de Lucca, Itália. Havia ali uma grande abadia, com muitos monges, que distribuía refeições aos pobres duas vezes por semana. Possuía, para isso, um grande caldeirão, que se fez famoso e que passou a constituir provérbio.
6. Nome puramente imaginário; *pastinaca*, em italiano clássico, quer dizer fanfarronada.
7. Mutilação da frase *verbum caro factum est*.
8. O dia comemorativo de São Lourenço é o de 10 de agosto.

TERCEIRA JORNADA

PRIMEIRA NOVELA

Por estas nossas bandas existiu, e existe ainda, um convento para mulheres, muito famoso por sua santidade, cujo nome não direi para não diminuir, sob aspecto algum, a sua reputação. Não faz muito tempo, não se encontravam, nesse convento, mais do que oito mulheres com uma abadessa, todas jovens, mais um bondoso homenzinho que era o hortelão de um belíssimo jardim que ali havia. Este homenzinho, não se contentando com o salário, apresentou suas razões ao mordomo das mulheres e regressou a Lamporecchio, sua terra natal. Ali, entre as outras pessoas que o receberam alegremente, havia um moço, trabalhador, forte e robusto; quanto à beleza do aspecto pessoal, era o segundo homem da vila; e chamava-se Masetto; este moço perguntou, ao homenzinho, onde tinha estado. E o homenzinho, que se chamava Nuto, contou-lhe; então, Masetto indagou o que era que ele fazia no convento. A isto, Nuto respondeu:

— Eu tratava de um jardim, belo e grande, do convento; além disso ia, uma ou outra vez, ao bosque, em busca de lenha; tirava água do poço e fazia outros serviçozinhos parecidos. As mulheres, porém, me pagavam salário tão reduzido que, com ele, eu mal conseguia pagar o calçado. Ademais, aquelas mulheres são todas moças; parece-me que têm o diabo no corpo; nunca se consegue fazer coisa alguma que lhes agrade. Às vezes, quando eu trabalhava no horto, uma delas dizia: “Ponha isto aqui”; mas outra ordenava: “Ponha aquilo aqui”; e uma terceira me tirava a enxada da mão, dizendo: “Isto não está direito.” Enfim, aquelas mulheres me irritavam tanto que eu abandonava o trabalho e saía do horto; dessa maneira, um pouco por uma coisa, outro pouco por outra, não quis mais ficar lá; e por isto vim para aqui. Aliás, o mordomo do convento me pediu, quando me despedi, que, se soubesse de alguém que servisse para trabalhar em seu horto, lhe mandasse. Eu prometi

assim fazer. Deus que dê saúde aos rins do trabalhador que eu encontrar, ou então não o mandarei.

Masetto, ouvindo as palavras de Nuto, sentiu passar, pela própria alma, um desejo tão grande de ir ter com aquelas monjas que mal conseguiu conter-se; compreendera, pelas palavras de Nuto, que a ele poderia caber o destino de ser enviado ao convento. Percebendo que nada, entretanto, aconteceria se nada dissesse a Nuto, esclareceu-o:

— Ah! Como você fez bem em vir! Qual é o homem que pode trabalhar em meio a mulheres? Será sempre melhor trabalhar com os diabos; em seis vezes, sobre sete, elas mesmas não sabem o que querem.

Todavia, depois de concluída a sua fala, Masetto passou a pensar no caminho que deveria tomar, para ir ter com aquelas monjas. Convencido de que sabia fazer, muito bem, aqueles serviços a que Nuto se referira, teve a certeza de que não perderia a oportunidade por isso; temeu, entretanto, não ser admitido, por ser muito moço e muito bem-apessoado. Por isso, depois de muito pensar, imaginou, de si para consigo: “O lugar fica muito longe daqui; lá, ninguém me conhece; se consigo dar mostras de ser mudo, não há dúvida que serei por elas admitido.” Deteve-se nesta ideia. Pôs um machado ao ombro; não disse a ninguém para onde se dirigia; saiu, à maneira de pobre mendigo, a caminho do convento. Lá chegou; entrou e encontrou, por acaso, o mordomo, logo no átrio. Dirigiu-se a ele; fez-lhe gestos, como os mudos costumam fazer, para significar que estava pedindo algo que comer, pelo amor de Deus; explicou igualmente, que, se fosse preciso, racharia lenha. O mordomo deu-lhe, de bom grado, algo para comer. A seguir, pôs, diante de Masetto, vários troncos que Nuto não conseguira rachar. Masetto, que era fortíssimo, rachou-os todos, em breve espaço de tempo. O mordomo, que estava precisando ir ao bosque, levou Masetto consigo; fê-lo cortar lenha; depois, apresentou-lhe um burrico e, com gestos e sinais, deu a entender que era preciso levar o animal à casa dele. Masetto fez tudo direitinho, por tal forma que o mordomo achou conveniente retê-lo vários dias, para a realização de tarefas que eram de sua própria incumbência.

Um dia, a abadessa viu Masetto; e perguntou, ao mordomo, quem ele era. E o mordomo explicou:

— Senhora: este é um mendigo, mudo e surdo, que há poucos dias por aqui apareceu pedindo esmola; assim, fiz-lhe o bem, e pedi-lhe que realizasse algumas tarefas que estavam pendentes. Se ele soubesse trabalhar no horto, e

quisesse ficar por aqui, penso que teríamos um bom serviçal; ele precisa trabalhar; é forte, e poderia bem fazer o que fosse necessário; além disso, sendo ele mudo, a gente não teria de se preocupar com possíveis observações dele às moças que a senhora supervisiona.

Ao que a abadessa concordou:

— À fé de Deus! Você está dizendo a verdade. Procure saber se ele quer ficar por aqui, e empenhe-se em retê-lo conosco. Dê-lhe um par de sapatos, um ou outro capuz velho; lisonjeie-o; trate-o com carinho; dê-lhe bastante o que comer.

O mordomo disse que faria. Masetto não se encontrava longe dali. Mas, fingindo estar varrendo o átrio, ouviu toda essa troca de palavras; e, alegre, disse, de si para consigo: “Se vocês me deixarem entrar aí, eu tratarei do horto por tal forma que verão que nunca ele foi tratado assim.”

Ora: o mordomo verificou que ele sabia trabalhar muito bem; por meio de gestos, perguntou-lhe se desejava ficar no convento; Masetto, também por meio de gestos, respondeu que estava disposto a fazer o que ele, mordomo, quisesse. Assim, admitiu-o. Impôs-lhe que tratasse do horto; e mostrou outras coisas que ele deveria fazer. Depois, foi cuidar de outros aspectos da vida do convento; e deixou-o só.

Masetto trabalhou um dia depois de outro; as monjas começaram a aborrecê-lo e pô-lo em maus lençóis, como frequentemente acontece que os outros fazem com os mudos; atiravam-lhe as palavras mais perversas do mundo, na certeza de não serem por ele entendidas. A abadessa, que talvez achasse ótimo não ter ele cauda, como não tinha língua, pouco se incomodava com o tratamento que as monjas davam ao moço. Aconteceu, de uma feita, que Masetto trabalhou muito e, cansado, foi repousar; duas jovens monjas, que andavam pelo jardim, apressaram-se a dirigir-se para o lugar onde ele se encontrava; e começaram a contemplá-lo, enquanto ele fingia estar dormindo. Assim, uma delas, que era um pouco mais atrevida, disse à outra:

— Se eu tivesse certeza de que você me desse crédito, eu lhe diria um pensamento que já tive diversas vezes; e esse pensamento poderia fazer algum bem também a você.

A outra esclareceu:

— Pode falar com segurança; tenha a certeza de que não o revelarei a ninguém.

Então, a atrevida começou:

— Eu não sei se você já observou o rigor da nossa disciplina, aqui dentro; nunca homem algum entra neste recinto, a não ser o mordomo, que é velho, e, agora, este mudo. Várias vezes ouvi dizer, por mulheres que têm vindo a este convento, que todas as outras doçuras do mundo são apenas uma tolice, em confronto com as delícias que a mulher usufrui em companhia do homem. Por esta razão, várias vezes me veio à ideia o propósito de verificar se assim é, com este mudo, uma vez que não o posso fazer com outro homem. Este homem, para o caso, é o melhor do mundo, porque, ainda que o quisesse, não poderia nem saberia contar o que acontecesse; bem vê você que ele é moço boçal, que cresceu mais do que a própria inteligência. De bom grado eu ouviria o que você pensa a tal respeito.

— Ai de mim! — exclamou a outra. — Que é que você está dizendo? Pois então não sabe que prometemos nossa virgindade a Deus?

— Oh! — comentou a outra. — Quantas contas Lhe prometem todos os dias, sem que nenhuma promessa seja cumprida? Se nós Lhe prometemos, procurem-se outras, ou outra, que Lhe deem.

A isso, a companheira observou:

— E se ficarmos grávidas, como correrão as coisas?

A mais audaciosa respondeu:

— Você começa a pensar no mal antes que ele se manifeste; se isso acontecer, na ocasião oportuna se pensará; há mil modos de fazer; assim, nunca ninguém o saberá, contanto que nós mesmas não o revelemos.

A mais tímida, ao ouvir isto, e sentindo, já, desejo ainda maior do que a outra, para provar que espécie de animal era o homem, indagou:

— Muito bem; mas como vamos fazer?

Ao que a mais atrevida respondeu:

— Você vê que já estamos na nona hora; creio que todas as freiras estejam dormindo, afora nós; vamos dar uma espiada pelo horto, a fim de ver se há alguém por ali: se não houver ninguém, nada mais teremos a fazer do que tomar este homem pela mão e conduzi-lo àquele caramanchão, onde ele se abriga da chuva. Ali, uma fica lá dentro com ele, e a outra monta guarda. Ele é tão idiota, que fará como nós quisermos.

Masetto estava ouvindo toda essa conversa; dispôs-se logo a obedecer; e nada mais esperava, senão ser tomado pela mão por uma delas. As duas moças olharam bem, por todos os lados; verificaram que não podiam ser vistas de lugar nenhum; a mais atrevida, que havia começado a conversa sobre Masetto,

acordou-o; e ele se pôs imediatamente de pé; a freira tomou-o por uma das mãos; fez-lhe algum carinho; e ele rindo, de quando em quando, como se fosse verdadeiro idiota, deixou-se levar ao caramanchão, onde, sem se fazer muito rogado, agiu como ela desejou que ele agisse. A moça, como companheira leal, assim que teve o que queria, cedeu o lugar à outra; e Masetto, mesmo continuando a mostrar-se simplório, obedeceu à vontade das duas; porque, antes de se retirarem dali, mais de uma vez elas quiseram verificar como o mudo sabia cavalgar. Depois, as duas, falando entre si, reconheceram que aquilo era, de fato, coisa deliciosa — e ainda mais deliciosa do que tinham ouvido dizer. Por isso, dali por diante, esperando sempre o momento oportuno, passaram a ir divertir-se com o mudo.

Aconteceu, de uma feita, que uma companheira delas, olhando por uma janelinha de sua cela, notou o que elas faziam, e apontou o caso a duas outras moças. Em primeiro lugar, armaram um conselho, resolvendo que era dever acusar o caso à abadessa; depois, mudaram de opinião, concordando, unanimemente, em que seria melhor compartilharem elas do generoso poder de Masetto. Deste poder, outras três moças, por circunstâncias diversas, em épocas diferentes, passaram a tirar proveito. Por fim, a abadessa, que ainda não tinha percebido coisa alguma daquilo, se pôs a andar, sozinha, pelo jardim; o calor era intenso; em determinado ponto, defrontou-se com Masetto, o qual sentia calor excessivo, menos pelo trabalho do dia, do que pelo cavalgar da noite; o mudo pusera-se a dormir, estendido à sombra de uma amendoeira. Como o vento lhe houvesse agitado e atirado para trás os panos da frente, tudo se encontrava a descoberto. A abadessa contemplou aquilo. Vendo-se só, animou-se do mesmo apetite de que as suas monjasinhas se haviam animado. Acordou Masetto. Levou-o para a sua cela, onde o manteve por vários dias, provando e tornando a provar aquela doçura que ela mesmo, antes, no altar, costumava maldizer. Houve, porém, grande movimentação entre as monjas, pelo fato de o hortelão não ir tratar do horto. Afinal, a abadessa remeteu-o, da sua cela para o quarto dele; mas com muita frequência ela quis, dali por diante, entreter-se com ele; além disso, não era nada moderada em suas exigências.

Masetto, não podendo satisfazer a tantas, percebeu que o fato de ser mudo lhe poderia causar grande prejuízo, se continuasse a ficar no convento. Por isto, certa noite, estando com a abadessa, rompeu os imaginários ligamentos que lhe prendiam a língua; e começou a dizer:

— Senhora: eu sempre ouvi dizer que um só galo chega muito bem para dez galinhas; e também ouvi dizer que dez homens não conseguem, ou mal conseguem, e com grande esforço, satisfazer uma mulher. Ora: eu tenho de servir nove. Nesta situação, pela própria Natureza, não poderei prosseguir; aliás, por tudo o que já fiz, cheguei a um tal estado que não posso mais fazer muito, nem pouco. Nestas condições, ou a senhora me deixa ir com Deus, ou vê o arranjo que pode dar ao caso.

A mulher ficou estupefata ao ouvir falar o homem que julgava mudo; e disse:

— Que é isso? Eu pensei que você fosse mudo!

— Senhora — explicou Masetto —, eu era mudo, na verdade, mas não por natureza, e sim por uma doença que me inibia de falar; foi somente esta noite que verifiquei que a fala já me havia sido restituída, pelo que louvo a Deus, com todas as minhas forças.

A mulher acreditou na explicação; e perguntou-lhe o que é que ele queria dizer com aquilo de servir nove. Masetto contou-lhe o fato. Ao saber, a abadessa percebeu que não havia, no convento, monja que não fosse mais esperta do que ela.

Discreta como era, não deixou que Masetto partisse. Preferiu tratar de encontrar, com as suas monjas, uma forma de harmonizar tudo, a fim de que o convento não fosse desprestigiado por Masetto. Naqueles dias, morrera o mordomo. Então, por via de mútuo assentimento, pondo-se às claras, aos olhos de todas, aquilo que por todas havia sido praticado às ocultas, com prazer as monjas concordaram quanto ao destino que deviam dar ao ex-mudo. Os habitantes das vizinhanças acreditaram que, por força das orações das monjas, bem como por mérito da intervenção do santo cujo nome fora dado ao convento, o pobre Masetto, que por tanto tempo fora mudo, teve a fala restituída. Acreditaram que, por causa disso, as monjas resolveram elevá-lo ao posto de mordomo. Lá dentro, as monjas se entenderam quanto à divisão dos esforços de Masetto, de modo que ele os pôde comportar dali por diante. Naquelas funções, muitos mongezinhos Masetto originou; mas as coisas transcorreram tão discretamente, que nada disso se soube, a não ser depois da morte da abadessa, quando Masetto era já homem quase velho e alimentava o desejo de regressar bem rico à sua casa.

Sabendo-se disso no convento, logo as monjas trataram de satisfazê-lo. Assim, pois, Masetto, feito velho, pai e rico, sem ter tido qualquer trabalho,

nem despesa, para tratar dos filhos, voltou ao lugar de onde tinha partido com um machado ao ombro. Sentiu-se recompensado pela sua esperteza, que o levava a aplicar bem a própria juventude. E passou a afirmar que era assim que Cristo tratava aos que o traíam por aquela forma.

QUINTA JORNADA

OITAVA NOVELA

Em Ravenna, cidade antiquíssima da Romanha, existiram, outrora, muitos homens nobres e galantes; entre estes, houve um jovem chamado Anastácio degli Onesti,¹ que, devido à morte do pai e de um tio, acabou ficando incalculavelmente rico. Esse moço, como geralmente acontece com os jovens e os que não têm esposa, enamorou-se de uma filha do sr. Paulo Traversaro,² moça muito mais nobre do que ele; alimentava a esperança de que, por meio de suas obras, conseguiria atraí-la e fazer com que ela o amasse. Entretanto, a despeito de suas obras serem grandes, belas e louváveis, elas não somente não adiantavam coisa alguma, para os seus propósitos, como até parecia que o prejudicavam; por aí se vê quanto a moça amada se mostrava austera, dura e inatingível; talvez por sua singular beleza ou talvez por sua grande nobreza de estirpe, fizera-se tão altiva e desdenhosa que nem gostava do moço, nem gostava daquilo que ele gostasse.

Essa era uma situação que Anastácio suportava com tanta mágoa que, várias vezes, depois de muito se queixar, devido à dor que sentia, teve o desejo de matar-se. Depois, embora contendo-se, muitas vezes resolveu, no seu coração, desistir do seu afeto, ou, se possível fosse, transformá-lo em ódio, que era o que ela manifestava para com ele. Contudo, em vão se propunha semelhante plano; quanto mais parecia que as esperanças perdiam fundamento, tanto mais se tornava ardoroso o seu amor.

Como o rapaz perseverasse tanto no afeto como nos gastos monetários desmesurados, afigurou-se, a determinados seus amigos e parentes, que tanto ele quanto os seus haveres estavam para se exaurir. Por isso, muitas vezes lhe pediram e o aconselharam que se afastasse de Ravenna, e que fosse transcorrer pelo menos algum tempo em outro lugar; se ele assim fizesse — supunham eles —, reduzir-se-iam o amor e os dispêndios.

De semelhante conselho várias vezes Anastácio zombou; todavia, sendo por eles tantas vezes solicitado e não lhes podendo dizer sempre que não, acabou respondendo que faria o que lhe pediam. Mandou que se fizessem grandes preparativos, como se projetasse ir para a França, ou para a Espanha, ou ainda para algum outro lugar distante. Montou a cavalo e, acompanhado por muitos dos seus amigos, saiu de Ravenna; rumou para um lugar que ficava talvez umas três milhas, ou cerca de cinco quilômetros, fora de Ravenna e que se chamava Chiassi.³ Ali, ordenou que se armassem pavilhões e barracas; disse, aos que o haviam acompanhado, que desejava permanecer em Chiassi; e que, portanto, eles, que o haviam acompanhado, deveriam voltar para Ravenna.

Instalando-se, pois, naquela praia, Anastácio passou a viver a vida mais bela e mais magnífica que se pudesse imaginar, convidando ora uns, ora outros para jantar ou para cear, como sempre fora de seu costume.

Aconteceu que, quase na entrada do mês de maio, houve um dia em que o tempo esteve belíssimo; Anastácio começou a pensar insistentemente na sua cruel amada; ordenou, pois, que todos os seus servidores o deixassem só para poder pensar mais à vontade; assim, passo a passo, transportou-se, pensando, para um pinheiral. Como já se houvesse passado a hora quinta do dia, e como ele já tivesse entrado meia milha, ou cerca de oitocentos metros, no seio do pinheiral, teve a lembrança de voltar; na sua caminhada, não se recordara, sequer, de ter de comer nem de outra coisa. De súbito, porém, teve a impressão de ouvir choro convulso e alto, bem como gemidos altíssimos, emitidos por uma mulher. Interrompeu-se, assim, o curso dos seus pensamentos. Anastácio ergueu a cabeça para observar o que poderia estar acontecendo; e maravilhou-se ao perceber que se encontrava no seio do pinheiral.

Além disso, olhando para a frente, viu que se aproximava dele, correndo por uma boscagem bastante densa de arbustos e de amoreiras, uma jovem lindíssima; a moça estava toda nua, com os cabelos em desalinho e com o corpo todo arranhado pelos ramos e pelos espinhos; correndo, tropeçando, caindo e tornando a correr, ela chorava e gritava, pedindo mercê. Anastácio viu, também, aos lados da moça, dois mastins, enormes e bravios, que, correndo no seu encalço, sempre que dela se aproximavam a mordiam, aplicando-lhe dentadas brutais. Mais longe, atrás dela, Anastácio viu, montado num corcel negro, um cavaleiro moreno, com expressão de fúria no

semblante; corria com um estoque na mão; e, correndo, ameaçava a moça de morte, com palavras espantosas e chulas.

Tudo isso inspirou, ao mesmo tempo, espanto e maravilha ao espírito do moço; posteriormente, inspirou também compaixão para com a jovem desventurada; Anastácio sentiu, mesmo, o desejo de livrá-la de tamanha angústia e da morte se tal empreendimento lhe fosse possível. Encontrando-se, porém, sem armas, lembrou-se de tomar de um ramo de árvore que poderia fazer às vezes de bastão; assim, colocou-se contra os cães, bem como contra o cavaleiro. Mas o cavaleiro, que lhe percebeu todos os movimentos, gritou-lhe:

— Anastácio, não interfira; deixe que os cães e eu façamos aquilo que essa mulher perversa mereceu.

Enquanto o cavaleiro dizia isso, os cães, agarrando a moça pelos flancos, detiveram-na; o cavaleiro, alcançando-a, apeou do cavalo. Anastácio aproximou-se dele, dizendo:

— Não sei quem você é, embora pareça que você me conhece; de qualquer maneira, digo-lhe que é grande vilania, da parte de um cavaleiro armado, pretender matar uma mulher nua e pôr-lhe cães no encalço, como se ela fosse fera selvagem. Não há dúvida de que eu a defenderei enquanto puder.

O cavaleiro então explicou:

— Anastácio: eu nasci na mesma terra em que você nasceu; você ainda era meninote quando eu, que fui chamado sr. Guido degli Anastagi,⁴ me enamorei muito mais dessa mulher do que você, agora, está enamorado da moça dos Traversari. Devido à soberba e à crueldade dessa mulher, cresceu tanto a minha amargura que eu, certo dia, com este estoque que você agora vê na minha mão, de desespero me matei; agora, estou condenado às penas do inferno. Pouco tempo depois, essa mulher, que se sentiu infinitamente feliz com a minha morte, também morreu; pelo pecado da sua crueldade e da sua alegria em face dos meus tormentos — coisas de que não se arrependeu —, ela foi, e é, igualmente condenada às penas do inferno. Nunca ela admitiu que o que fez fosse pecado; chegou mesmo a achar que era mérito. Quando ela desceu ao inferno, a pena que se impôs, a ela e a mim, passou a consistir nisto: em fugir ela à minha frente e em persegui-la eu, que tanto a amei outrora, como se perseguisse inimiga mortal, e não mais como mulher amada. Todas as vezes que a alcanço, eu, com este estoque, com que me suicidei, mato a ela; abro-lhe as costas; e aquele coração duro e frio, em que jamais o amor e a piedade conseguiram entrar, eu lho arranco do corpo, juntamente com outras

vísceras, como você verá daqui a um instante; depois, dou tudo aos cães para que o devorem. Antes que muito tempo se passe, ela, como querem a justiça e o poder de Deus, ressurgue, como se nunca houvesse sido morta; e então recomeçam, para ela, a dolorosa fuga e, para os cães e para mim, a implacável perseguição. Acontece que todas as sextas-feiras, a esta hora, eu a alcanço aqui; e é aqui que faço sempre a chacina que você vai ver. Nos outros dias, não pense que nós repousamos; alcanço-a em outros lugares, nos quais ela, cruelmente, contra mim pensou e agiu. Sendo, pois, que de apaixonado me tornei inimigo, como vê, terei de persegui-la por essa forma tantos anos quantos foram os meses que ela se mostrou desapiedada para comigo. Portanto, deixe que eu ponha em execução a divina justiça; nem lhe valeria opor-se àquilo que você não poderá sustar.

Anastácio ouviu essas palavras; sentiu-se atemorizado; quase que não tinha pelo no corpo que não estivesse eriçado; afastou-se alguns passos; contemplou de novo a jovem desventurada; e passou a esperar, cheio de medo, aquilo que o cavaleiro ia fazer. O cavaleiro, depois de terminar a sua explicação, assumiu o aspecto de um cão raivoso; com o estoque numa das mãos, correu contra a moça, que, ajoelhada, fortemente segura pelos mastins, gritava pedindo-lhe perdão; o cavaleiro atravessou-lhe, com o estoque, o peito pelo meio, com o máximo da sua força; e a lâmina apareceu do outro lado do corpo. Quando a moça recebeu o golpe, seu corpo caiu de borco, sempre chorando e gritando; e o cavaleiro, lançando mão de uma faca, abriu-lhe o corpo à altura dos rins; tirou para fora o coração e todas as vísceras anexas, dando tudo de comer aos cães; e estes, esfomeados como estavam, comeram o que lhes foi dado sem a menor perda de tempo.

Instantes depois, a moça, como se nada do que aqui vai dito lhe houvesse acontecido, se ergueu, de súbito, e começou a fugir na direção do mar; e os cães correram atrás dela, sempre lhe dilacerando o corpo. O cavaleiro, tornando a montar a cavalo e retomando o estoque, recomeçou a persegui-la. Dentro de pouco tempo, os vultos todos se desvaneceram, de modo que Anastácio nada mais pôde ver.

Depois de assistir a todas essas coisas, o moço ficou longo espaço de tempo entre piedoso e aterrorizado; a seguir, surgiu-lhe a ideia de que aquilo, afinal, deveria valer-lhe para alguma coisa, uma vez que se repetia todas as sextas-feiras. Tomou, pois, boa nota do lugar; e regressou para junto dos seus

fâmulos. Mais tarde, quando lhe pareceu oportuno, mandou chamar à sua presença parentes e amigos, aos quais disse:

— Desde muito tempo vocês me aconselham a deixar de amar essa minha inimiga, bem como a pôr fim aos meus dispêndios. Pois eu estou pronto a seguir o conselho, desde que vocês me concedam uma graça. Consiste a graça em vocês fazerem com que, na próxima sexta-feira, o sr. Paulo Traversari, com a mulher e a filha, bem como com todas as mulheres suas parentas, e outras mais, se houver, e que forem do agrado de vocês, venha jantar aqui comigo. A razão de eu querer isto, vocês a conhecerão naquela oportunidade.

Aos presentes, afigurou-se que bem pouca coisa era fazer o que Anastácio pedia; todos voltaram para Ravenna; quando chegou a época conveniente, convidaram as pessoas que Anastácio indicara; embora fosse difícil conseguir que a mulher amada por ele concordasse em comparecer, ela afinal compareceu com as outras. Anastácio mandou preparar um jantar magnífico; e ordenou que se pusessem as mesas à sombra dos pinheiros, ao redor do sítio em que assistira ao martírio da mulher impiedosa, condenada às penas do inferno. Depois de se situarem os homens e as mulheres nas diversas mesas, verificou-se que Anastácio procedera por tal forma que a jovem por ele amada ficou colocada de frente para o lugar onde a perseguição de Guido deveria se repetir.

Quando se serviu, pois, o último prato, os convidados começaram a ouvir a barulheira produzida pela jovem desesperada, que clamava contra a perseguição. Todos se mostraram surpresos com aquilo; perguntaram do que era que se tratava; ninguém soube dizer; todos se ergueram para ver o que podia ser aquilo; viram a moça gritando suas súplicas, o cavaleiro perseguindo-a, e os cães atacando-a; poucos momentos após, esse grupo se pôs entre os convidados de Anastácio.

O barulho tornou-se grande, por obra dos cães e do cavaleiro; e muitos, para ajudar a moça, se adiantaram. O cavaleiro, porém, falando-lhes como falara a Anastácio, não somente os fez recuar, mas a todos assustou, enchendo-os, ao mesmo tempo, de maravilha. E levou a termo, de novo, aquilo que praticara aos olhos de Anastácio. Em consequência, todas as mulheres que ali estavam começaram a chorar copiosamente, como se fosse contra elas mesmas que aquilo estivesse sendo feito; em verdade, entre as convidadas de Anastácio, muitas mulheres havia que tinham sido parentas ora da moça perseguida, ora do cavaleiro perseguidor; e todas elas se recordavam tanto do

amor não correspondido pela moça quanto da morte por suas próprias mãos do cavaleiro.

O martírio infernal chegou ao fim, como da vez anterior; a mulher sacrificada tornou a ir-se embora; o cavaleiro recomeçou a perseguição; e isso forçou todos os espectadores à entabulação de muitos debates e vários raciocínios.

Entre as pessoas convidadas, e que mais assustada ficou com o que viu, figurou a impiedosa moça amada por Anastácio. Esta viu e ouviu tudo o que se relacionava com aquele episódio de condenados ao inferno; percebeu que aquele exemplo se aplicava mais a ela própria do que a qualquer outra pessoa ali presente; recordou-se da crueldade que sempre pusera em prática nas suas relações com Anastácio; e ficou tão impressionada que já lhe parecia estar correndo, à frente dele, enquanto ele, enfurecido, a perseguia, tendo ela os mastins aos seus flancos.

Foi tamanho o medo que isso lhe causou que ela, no intuito de evitar que tal coisa lhe acontecesse, logo tomou sua decisão; esperou pelo momento oportuno (que naquela mesma noite lhe foi proporcionado); transformou o ódio em amor; e mandou, em segredo, uma sua camareira falar com Anastácio; a camareira, de parte de sua ama, disse a Anastácio que se desse o prazer de ir à presença da filha de Traversari, visto que ela se encontrava disposta a proceder de acordo com aquilo que mais lhe agradasse.

Anastácio informou, em resposta, que o convite dela lhe causava, de fato, grande prazer; mas que, entretanto, se isso fosse do agrado dela, ele queria o que agradasse a ele, porém com toda a honra para ela; consistia isso em de casar-se com ela para que ela se tornasse esposa dele. A moça, que sabia que não era por vontade de pessoa alguma que ela deixara de ser mulher de Anastácio, mandou dizer-lhe que concordava. Assim, ela mesma se fez disso mensageira, pois se dirigiu ao pai e à mãe, aos quais revelou que se sentiria contente em se tornar esposa de Anastácio; o pai e a mãe, por sua vez, manifestaram sua grande satisfação por isso.

No domingo seguinte, Anastácio casou-se com ela em bela festa nupcial; depois, longo tempo viveu, com a moça, em plena felicidade.

De resto, o medo que a moça teve, durante aquele jantar, não foi causa apenas desse bem; todas as mulheres de Ravenna ficaram apavoradas; a tal ponto que, dali por diante, sempre se mostraram muito mais atenciosas para com os prazeres dos homens do que o haviam sido anteriormente.

Notas

1. A família Degli Onesti existiu, realmente, em Ravenna; a novela, todavia, é pura ficção.
2. Família nobre de Ravenna, de que Dante fala em *A divina comédia* (Purgatório, canto XIV, verso 98).
3. Também Classe e Chiasso. Nome de praia perto de Ravenna, Itália, onde existe o famoso pinheiral igualmente lembrado por Dante em *A divina comédia* (Purgatório, canto xxviii, verso 20).
4. Outra nobre família de Ravenna, também citada por Dante, em *A divina comédia* (Purgatório, canto XIV, verso 107).

NONA JORNADA

SEGUNDA NOVELA

Vocês devem, pois, ficar sabendo que existe, na Lombardia, um mosteiro famoso por sua santidade e por sua religião; nesse mosteiro, entre outras mulheres que ali viviam, havia uma jovem, de sangue nobre, dotada de maravilhosa beleza, e que se chamava Isabetta; essa jovem recebeu, certo dia, a visita de um seu parente, que, no momento, se fazia acompanhar de um moço muito bonito; e ela se apaixonou por esse moço; ele, por sua vez, vendo-a e achando-a belíssima, todo se inflamou de desejos, através dos olhos, apaixonando-se igualmente por ela.

Não foi sem sofrimento que os dois sustentaram, durante longo tempo, esse amor sem fruto. Por fim, como cada qual se mantinha alerta por seu lado, o jovem entreviu um recurso capaz de o fazer chegar, secretamente, junto da sua monja amada; em consequência, foi ter com ela; e ela, sentindo-se muito satisfeita, foi visitada por ele, não uma, e sim muitas vezes, com prazer enorme para ambos.

Contudo, como os encontros prosseguiram, aconteceu que ele, certa noite, foi visto, por uma das mulheres lá de dentro, quando se dirigia para o quarto de Isabetta, e também quando de lá saía; mas nem ele nem Isabetta deram por isso. A mulher que o viu se comunicou, a tal respeito, com algumas outras, suas companheiras. Estas tiveram, primeiro, a ideia de acusar a monja Isabetta à abadessa, que se chamava sra. Usimbaldia, na vida civil, mulher santa e bondosa, de acordo com a opinião das mulheres monjas e de toda gente que a conhecia; depois, entretanto, pensaram que seria melhor fazer com que a abadessa surpreendesse Isabetta em companhia do rapaz, a fim de que o fato não pudesse ser negado. Assim, as mulheres se conservaram caladas e dividiram entre si a tarefa da vigilância e da guarda, com o propósito secreto de observar quando se daria o novo encontro entre a monja prevaricadora e o seu amante.

Ora, como Isabetta não suspeitava coisa alguma nem nada sabia a respeito da descoberta feita pelas suas colegas, combinou, com o moço, a ida deste, à noite, ao mosteiro; disso logo tiveram conhecimento aquelas que vigiavam e montavam guarda. As vigilantes e as guardas esperaram que chegasse uma hora alta da noite; quando lhes pareceu oportuno, dividiram-se em dois grupos; um grupo se pôs de atalaia, ficando à espreita da porta do quarto de Isabetta; outro grupo se dirigiu, correndo, ao dormitório da abadessa; bateu-lhe à porta; e, quando ela respondeu, as componentes desse grupo lhe disseram:

— Depressa, senhora! Levante-se imediatamente, pois nós descobrimos que Isabetta está com um moço em sua cela.

Precisamente naquela noite, a abadessa estava acompanhada de um padre que, com frequência, para lá se fazia conduzir, dentro de uma caixa. A abadessa, ao ouvir essa acusação, receou que as monjas delatoras, induzidas pela pressa, ou pelo excesso de zelo, lhe empurrassem tanto a porta, até ao ponto de ela se abrir; por isso, ergueu-se apressadamente e, da melhor maneira possível, se vestiu no escuro; julgando tomar certos véus dobrados, que as monjas trazem à cabeça, e que denominam “saltério”, ela tomou as calças do padre; e foi tanto o seu afobamento que, em lugar do saltério, pôs aquelas calças à própria cabeça; depois, saiu da cela; fechou, com grande cuidado, a porta, atrás de si, perguntando:

— Onde é que está essa maldita de Deus?

A seguir, em companhia das outras, que se mostravam extraordinariamente ansiosas por fazer com que ela surpreendesse o crime de Isabetta, e que, por isso, nem sequer perceberam o que era que ela mesma trazia à cabeça, chegou à porta do quarto da acusada. Ajudada por todas, a abadessa arrombou aquela porta. Todas entraram na cela; todas encontraram, ainda no leito, os dois amantes, que estavam abraçados; por haverem sido tão inopinadamente surpreendidos, esses dois amantes se sentiram atordoados; não sabiam o que fazer; e, em consequência, se conservaram imóveis. Isabetta foi agarrada, sem mais demora, pelas outras monjas, e, por ordem da abadessa, levada a capítulo. O moço permaneceu na cela; vestiu-se, mas ficou à espera, a fim de verificar que fim aquilo tudo poderia ter; e formou a intenção de fazer passar por um mau momento toda pessoa que se apresentasse aos seus olhos; no seu íntimo, estava exigindo que nada de mau

acontecesse à moça que ele amava; seria até capaz de, se algo acontecesse, levá-la dali consigo.

A abadessa, sentando-se em sua poltrona, no capítulo, em presença de todas as monjas, começou a proferir, contra a culpada, as censuras mais pesadas que até então se haviam dirigido a qualquer mulher; considerou-a capaz de contaminar e destruir a boa fama de santidade e de honestidade do mosteiro, desde que, lá fora, se viesse a saber da conduta e dos atos condenáveis pelos quais ela se tornara responsável. Depois das censuras pesadas, a abadessa acrescentou gravíssimas ameaças.

A moça Isabetta, tornada envergonhada e tímida, por ser culpada, nem sequer sabia o que responder; contudo, permanecendo calada, acabou inspirando compaixão às suas companheiras e acusadoras. Visto, porém, que a abadessa exagerou as suas censuras e as suas ameaças, deu-se o caso de Isabetta erguer o rosto, e de ver, então, o que era que a abadessa tinha à cabeça; identificando as tiras dos suspensórios, que pendiam de ambos os lados do rosto dela, a monja acusada convenceu-se daquilo que elas representavam e, inteiramente tranquilizada, disse-lhe:

— Senhora, se Deus a ajudar, trate de fazer o laço à touca; depois, então, poderá dizer-me o que bem entender.

A abadessa, que não conseguiu entender-lhe as expressões, exclamou:

— De que touca está falando, mulher delinquente? Será que você resolveu, agora, gracejar? Será que lhe parece que praticou um ato digno de ser levado a efeito nesta casa?

Então, a moça acusada tornou a dizer:

— Senhora, peço-lhe que dê o nó e faça o laço à touca; depois, poderá censurar-me como bem entender.

À vista dessa insistência de Isabetta, as outras monjas também ergueram o rosto, dirigindo os olhares para a cabeça da abadessa; por sua vez, a abadessa levou as mãos à própria cabeça; e todas, ela inclusive, se convenceram de que a superiora do mosteiro havia incorrido na mesma falta grave de que Isabetta era acusada; notando a abadessa que estava sendo vista por todas, nem sequer se preocupou em encobrir as circunstâncias; mudou de tom e de sermão; e, de maneira inteiramente diversa da anterior, prosseguiu no seu falar; ao concluir, esclareceu que se tornava impossível a gente subtrair-se completamente aos estímulos da carne, e defender-se das suas insídias. Por isso, afirmou ela, todas as outras monjas poderiam gozar todos os bons quartos de hora que

pudessem proporcionar a si próprias, desde que o fizessem tão cautelosamente como ela, a abadessa, que falava, tinha feito. Absolveu e deu liberdade, pois, à monja acusada; a seguir, a abadessa voltou para a companhia do seu padre, e Isabetta regressou ao aconchego do seu amante. Muitas e muitas vezes Isabetta fez com que o seu amante para ali voltasse, para desfeita daquelas que dela tinham tido inveja. As outras monjas, que não possuíam amante, trataram de conseguir, da melhor maneira que souberam, a própria felicidade.

QUINTA JORNADA

QUARTA NOVELA

Minhas nobres mulheres: ainda não se passou, pois, muito tempo, a contar de quando, na Romanha, existiu um cavaleiro muito abastado e muito bem-educado; chamou-se ele sr. Lízio di Valbona;¹ por acaso, nasceu-lhe, quando ele já se achava bem entrado na velhice, uma filhinha, que lhe foi dada por uma sua mulher chamada sra. Jacomina. Essa menina, crescendo, tornou-se linda e agradável, superando todas as outras do lugar, tanto em beleza quanto em maneiras. Sendo ela a única filha a permanecer em companhia do pai e da mãe, passou a ser, por estes, extremamente amada; querida além de toda medida, a menina foi criada com maravilhosa diligência; seus pais esperavam fazer, com ela, um casamento de grande projeção social.

Ora: a casa do sr. Lízio era frequentada por um moço bonito e cheio de vida, que muito se entretinha com o próprio sr. Lízio; o moço pertencia à família dos Manardi da Brettinor,² chamava-se Ricardo; a seu respeito, nenhuma desconfiança o sr. Lízio e sua mulher alimentavam; tratavam-no como se fosse não uma visita, mas sim um filho.

Ricardo, vendo, de quando e quando, aquela moça lindíssima e elegante, dona de costumes e maneiras louváveis, e já casadoura, dela se enamorou profundamente; mas, com grande cuidado, manteve oculto o seu amor. A jovem, todavia, bem que percebeu o que se passava com Ricardo; em vez de repelir aquela afeição, passou a amar, da mesma forma, o moço visitante. Com isso, Ricardo sentiu-se infinitamente satisfeito. Muitas e muitas vezes ele teve vontade de dizer à moça algumas palavras reveladoras; mas, duvidando do êxito, sempre se calou; de uma feita, porém, colhendo a oportunidade e armando-se de coragem, disse-lhe:

— Catarina, suplico para que você não me faça morrer de amor.

A moça logo respondeu:

— Aprouvesse a Deus que você não me fizesse morrer de amor, mais você a mim do que eu a você!

Essa resposta causou enorme prazer e inoculou grande audácia no espírito do moço, que lhe declarou:

— Por mim, nunca deixarei de fazer o que for de seu agrado; mas está em suas mãos achar a maneira para a salvação tanto da sua vida quanto da minha.

A jovem então disse:

— Ricardo, você bem vê quanto sou vigiada; por isso, não percebo o modo como você possa vir a mim; se, entretanto, você imaginar coisa que eu possa levar a efeito, sem dar motivo a vergonha, diga-me o que for; e eu a farei.

Ricardo pensou em muita coisa; depois, de súbito, resolveu:

— Minha doce Catarina, não consigo perceber maneira alguma, a não ser esta: se você dormisse ou pudesse dirigir-se, à noite, à varanda que existe do lado do jardim da casa de seu pai; e se eu soubesse que você poderia estar ali; então eu me esforçaria para ir ter consigo, sem falta, a despeito de a altura ser muito grande do chão até a varanda.

Ao que Catarina respondeu:

— Se você tem ânimo para subir até a varanda, creio que conseguirei fazer que me deixem dormir nela.

Ricardo disse que sim; dito isso, beijaram-se os dois uma única vez de fugida; e separaram-se. No dia seguinte, estando-se já no fim do mês de maio, a moça, em presença da mãe, começou a se lamentar de que, na noite anterior, em razão do calor intenso, não havia conseguido dormir. A mãe então disse:

— Oh! Minha filha! De que calor fala você? Pois eu não penso que tenha realmente feito calor.

Ao que Catarina observou:

— Minha mãe, a senhora deveria dizer “na minha opinião”; talvez, assim, diria a verdade. Em todo caso, a senhora deve pensar em como são muito mais quentes as moças do que as senhoras entradas em anos.

A mulher concordou:

— Minha filha, isso é verdade; mas eu não posso fazer o frio e o calor à minha vontade, como talvez você deseja que eu faça; a gente deve enfrentar e suportar o tempo assim como as estações o oferecem; é possível que esta noite o ar venha a ser mais fresco; então, você poderá dormir melhor.

— Queira Deus que assim seja — exclamou Catarina. — Mas não é normal que, quando se vai para o verão, as noites passem a se tornar mais

frescas.

— Mas, então — indagou a senhora —, que é que você quer que se faça?

Catarina respondeu:

— Se agradasse à senhora e ao meu pai, de bom grado eu mandaria armar uma pequena cama na varanda, que fica ao lado do quarto dele; ali eu dormiria deliciosamente; ouvindo o rouxinol cantar, e, estando em lugar mais fresco, eu me sentiria muito melhor do que me sinto no seu quarto.

A mãe prometeu então:

— Filha minha, tranquilize-se. Eu falarei com seu pai; como ele quiser, assim faremos.

O sr. Lízio ouviu todas essas coisas da boca de sua mulher; por ser ele já bastante velho e, por isso, um pouco atrasado, disse:

— Que rouxinol é esse com o qual ela quer dormir? Eu ainda a farei dormir ao canto das cigarras!

Ao saber disso, Catarina, mais por despeito do que pelo calor, não somente deixou de dormir, na noite seguinte, mas também não deixou que a mãe pregasse olho por se queixar sempre do calor. A mãe observou tudo isso; e, na manhã seguinte, foi conversar com o sr. Lízio, a quem disse:

— Senhor, pouco amor o senhor tem para com essa moça; que mal há em ela dormir lá na varanda? Na noite passada, ela não conseguiu encontrar jeito de dormir de tanto que era o calor que sentiu. Além disso, que razão há para que o senhor se admire de ela gostar de ouvir o canto do rouxinol? Pois não vê que ela ainda é mocinha? Os moços apreciam as coisas que se assemelham a eles.

Ao ouvir isso, o sr. Lízio disse:

— Está bem. Faça-se uma cama, para ela, tal qual se lhe afigura que deva ser. Mande que se faça cortinado com alguma sarja; e ela que durma na varanda e que ouça o rouxinol à vontade!

A moça, ao saber disso, mandou logo que se lhe preparasse o leito no qual deveria dormir na noite seguinte. Tanto fez que conseguiu se encontrar com Ricardo; fez-lhe um sinal entre eles combinado; por esse sinal, ele compreendeu o que lhe cabia fazer.

O sr. Lízio notou que a filha já tinha ido para a cama; por isso, fechou a porta do seu quarto, que dava para a varanda; e foi por sua vez dormir.

Ricardo esperou até que, por toda parte, todas as coisas se tornassem quietas; com emprego de uma escada, subiu ao topo de um muro; depois,

partindo do topo desse muro, agarrou-se aos tijolos de espera de outro muro; fê-lo com grande esforço; em grande perigo incorreria se de lá caísse; por fim, chegou à varanda, onde foi recebido pela moça com grandes festas, embora em atmosfera de sussurros e de cícios; depois de muitos beijos, os dois se deitaram juntos, gozando, durante quase a noite toda, deleites e prazeres recíprocos de amor e fazendo com que muitas vezes o rouxinol cantasse. Como as noites eram breves naquela quadra do ano, e os prazeres grandes, o dia aproximou-se tão rapidamente que os dois jovens mal poderiam acreditar.

Sentindo-se muito aquecidos, seja pelo tempo, seja pelo jogo do amor, os dois adormeceram em pelo, sem lençol nem coberta por cima do corpo. Catarina dormiu com o braço direito passado por baixo do pescoço de Ricardo e com a mão esquerda segurando aquela coisa que as mulheres, quando se encontram entre homens, mais se escusam de chamar pelo nome. Os dois dormiram, sem acordar, nessa posição, até que o dia sobreveio. Com o clarear do dia, o sr. Lízio ergueu-se; recordou-se de que a filha tinha ido dormir na varanda; abriu devagar a porta; e disse:

— Deixem-me ver como foi que o rouxinol fez Catarina dormir essa noite.

Avançou pela varanda com cautela; ergueu o cortinado de sarja de que a cama estava rodeada; e viu, na cama, Ricardo e a moça; os dois estavam nus, descobertos; dormiam abraçados, na posição acima descrita. O velho reconheceu perfeitamente Ricardo; depois, afastou-se dali; foi para o quarto de sua mulher; chamou-a, despertando-a, e disse:

— Levante-se logo, mulher; levante-se e venha ver que sua filha gostou tanto do rouxinol, a ponto de o agarrar e de o conservar na própria mão.

A mulher perguntou:

— Como é isso possível?

O sr. Lízio esclareceu:

— Você o verá se não se demorar.

A mulher apressou-se, tratando de se vestir o mais rapidamente possível; sem fazer barulho, acompanhou o sr. Lízio; os dois chegaram junto da cama armada na varanda; ele ergueu a cortina, fazendo com que a sra. Jacomina visse, francamente, o modo como a filha havia agarrado e conservado, na própria mão, o rouxinol que dissera que tanto desejava ouvir cantar. A mulher achou que Ricardo a havia enganado; quis gritar, xingando-o; mas o sr. Lízio lhe disse:

— Mulher, tome cuidado, se é que você leva em consideração o meu amor; não faça barulho nem diga palavra; em verdade, uma vez que ela o agarrou, ele será dela. Ricardo é moço rico e muito digno; dele não podemos ter senão boa parentela. Se ele quiser se conservar em bom conceito de minha parte, será indispensável que se case primeiramente com a nossa filha; dessa maneira, verificará que pôs o rouxinol em sua própria gaiola, e não em gaiola alheia.

A mulher tranquilizou-se, provavelmente por ver que o marido não se perturbava em presença de tal fato; ademais, levava em consideração a circunstância de a sua filha ter tido a boa noite que queria; tinha repousado bastante e estava com o rouxinol na mão; por tudo isso, a mulher calou-se.

Muito pouco tempo depois de aquelas palavras haverem sido proferidas, Ricardo acordou; notando que o dia já ia alto, fingiu-se morto; a seguir, chamou a Catarina, a quem disse:

— Ai de mim! Minha querida! Como faremos agora, que o dia já vai alto e que fui descoberto aqui?

A essas palavras, o sr. Lízio, adiantando-se e erguendo o cortinado, respondeu:

— Nós faremos tudo muito bem.

Quando Ricardo o viu, teve a impressão de que alguém lhe estivesse arrancando o coração do peito; e, sentando-se na cama, suplicou:

— Meu senhor, peço-lhe mercê, pelo amor de Deus; sei perfeitamente que, por haver sido homem desleal e perverso, estou merecendo a morte; assim, faça de mim o que o senhor bem entender; mas eu lhe peço, com profundo encarecimento, que, se lhe for possível, use de mercê para com a minha vida, para que eu não morra.

A isso, o sr. Lízio disse:

— Ricardo, você não mereceu o amor que eu alimentava para consigo nem a fé que eu depositara em sua pessoa; mas, uma vez que os fatos são os que aí estão, e uma vez que a juventude o levou a perpetrar semelhante falta, há um recurso para que você cancele, para você mesmo, a morte e, para mim, a vergonha: faça de Catarina sua legítima esposa a fim de que, assim como foi sua essa noite, assim também o seja enquanto viver. Por essa forma, você pode conquistar a minha paz e a sua salvação. Se, porém, você não desejar proceder dessa maneira, será de bom aviso recomendar sua alma a Deus.

Enquanto se diziam essas palavras, Catarina largou o rouxinol; tornou a cobrir-se; e começou a chorar copiosamente, suplicando ao pai para que este concedesse perdão a Ricardo; de outra banda, suplicava a Ricardo para que este fizesse o que o sr. Lízio desejava a fim de que, com segurança e por longo tempo, ela e ele pudessem dispor de noites tão deliciosas quanto aquela que haviam transcorrido. Para isso, porém, não foram necessárias muitas súplicas; de um lado, havia a vergonha da falta cometida e a vontade de emendar; de outro lado, o medo de morrer e o desejo de fugir à morte; acima disso tudo, havia o amor ardoroso e o apetite de possuir a pessoa amada; todas essas coisas reunidas impeliram Ricardo a, sem qualquer perda de tempo, declarar que se achava preparado para fazer aquilo que era do agrado do sr. Lízio. Em consequência, o sr. Lízio pediu em empréstimo da sra. Jacomina um dos anéis desta; e, ali, sem qualquer mudança de cena nem de trajes, na presença dos progenitores da moça, Ricardo desposou Catarina. Feito isso, o sr. Lízio e a mulher, afastando-se dali, disseram aos recém-casados:

— Já agora, tratem de repousar, pois talvez vocês tenham mais necessidade disso do que de se levantarem.

Quando os progenitores se retiraram, os moços tornaram a se abraçar; e, como não tinham caminhado mais do que seis milhas, naquela noite, percorreram outras duas antes de se erguerem da cama; e assim puseram fim à primeira jornada. Depois, puseram-se de pé.

Poucos dias após, Ricardo, tendo conversado em boa ordem com o sr. Lízio, desposou a jovem, com todos os requisitos da convenção do seu tempo, em presença de amigos e de parentes; a seguir, levou a moça para sua casa em meio a grandes festas, completando, assim, as núpcias honrosas e opulentas.

Após esses episódios, Ricardo e Catarina viveram longamente e em paz; a fim de consolar-se, Ricardo engaiolou o rouxinol, de dia e de noite, quantas vezes isso foi de seu agrado.

Nota

1. Lizio di Valbona e Ricardo Manardi são personagens históricos; deles fala Dante, em *A divina comédia* (Purgatório, canto XIV, verso 97). O episódio narrado nesta novela tem um fundo de realidade confirmado por vários historiadores.

SÉTIMA JORNADA

DÉCIMA NOVELA

Existiram, pois, em Siena, dois jovens do povo; um deles teve o nome de Tingoccio Mini; o outro se chamava Meuccio di Tura; os dois moravam junto à Porta Salaia. Quase nunca de lá saíam, a não ser um em companhia do outro; e, por aquilo que se afigurava, eles muito se estimavam. Indo, como os homens costumam ir, às igrejas e aos sermões, muitas vezes tinham ouvido falar da glória e da infelicidade que, às almas daqueles que morriam, se impunham, no outro mundo, de acordo com os méritos que houvessem revelado neste. Os dois moços queriam ter informações positivas a tal respeito; como, porém, não houvesse possibilidade de as conseguir, prometeram-se, reciprocamente, que o primeiro deles que morresse faria o possível para aparecer àquele que sobrevivesse, a fim de lhe dar as informações que tanto desejava. Firmaram esse propósito com um juramento.

Feita, pois, essa promessa, e continuando os dois a viver sempre um em companhia do outro, como se disse, algo aconteceu. Tingoccio fez-se compadre de um tal Ambrósio Anselmini, que vivia em Camporeggi, o qual havia ganhado um filho, de sua mulher chamada Monna Mita. Tingoccio, em companhia de Meuccio, visitava, de quando em quando, essa sua comadre Monna Mita. Ela era uma linda mulher, muito apetecível; e, não obstante o compadresco, enamorou-se dela. Também Meuccio se apaixonou pela mulher, depois de ouvir os elogios que a ela Tingoccio não cessava de tecer. Desse amor, um não revelava nada ao outro; mas não procediam assim pela mesma razão. Tingoccio evitava falar nesse amor a Meuccio, porque ele próprio achava que não ficava bem amar a comadre, precisamente por ser comadre; e muito se envergonharia, se alguém soubesse, de tal amor. Meuccio não silenciava por essa circunstância; silenciava porque já havia percebido que Tingoccio gostava da moça. Em consequência, ele raciocinava lá com os seus botões: “Se eu lhe disser do meu amor, ele ficará com ciúmes de mim; como

ele pode falar, a ela, a seu gosto, na qualidade de compadre, será admissível que a induza a nutrir ódio para comigo; dessa maneira, nunca receberei, dela, coisa que me agrade.”

Ora: amando esses dois jovens a mesma mulher, como lhes disse, aconteceu que Tingoccio — ao qual se tornava mais fácil revelar o próprio desejo à moça — tanto soube fazer, com atos e com palavras, que recebeu, dela, o prazer a que aspirava. Meuccio bem que percebeu o fato; e, embora isso lhe fosse desagradável, ainda assim, sempre na esperança de atingir, um dia, o objetivo do seu desejo, fingiu não notar coisa alguma. Assim se portou, para que Tingoccio não tivesse assunto, nem motivo, de lhe arruinar os planos; ou mesmo de lhe impedir a realização dos seus propósitos. Os dois companheiros prosseguiram amando a mesma mulher, sendo um mais feliz do que o outro.

Ocorreu, contudo, que Tingoccio encontrou, nos domínios de sua comadre, terreno muito doce; tanto cavou, e tanto amanhôu, que um dia uma enfermidade o acometeu; a doença agravou-se fortemente depois de uns poucos dias; e ele, não podendo suportá-la, transpassou desta vida. No terceiro dia depois do transpasse — porque talvez não o pudera fazer antes —, Tingoccio, de acordo com a promessa feita, apareceu, de noite, no quarto de Meuccio; na hora, Meuccio dormia profundamente; mas a aparição de Tingoccio o chamou. Meuccio, então, acordou; e disse:

— Quem é você?

Ao que a aparição respondeu:

— Sou Tingoccio, que, de acordo com a promessa que lhe fez, volta para junto de você, a fim de lhe proporcionar notícias relativas ao outro mundo.

Muito se espantou Meuccio, ao ver a aparição; contudo, conseguiu tranquilizar-se; e disse:

— Seja bem-vindo, meu irmão!

Depois, perguntou-lhe se ele andava perdido; ao que Tingoccio respondeu:

— Perdidas são as coisas que não se acham mais; e como estaria eu aqui se andasse perdido?

— Ai de mim! — exclamou Meuccio. — Não é isso que quero dizer. Pergunto se você se encontra entre as almas danadas ao fogo punitivo do inferno.

A isso, Tingoccio esclareceu:

— Isso, não. Mas é certo que, pelos pecados cometidos, me encontro passando por penas gravíssimas e angustiantes.

Meuccio então perguntou, com sentido particular, a Tingoccio, quais as penas que se aplicavam, no além, para cada um dos pecados que se praticavam do lado de cá da vida; e Tingoccio esclareceu-o a propósito de tudo. A seguir, Meuccio perguntou, a Tingoccio, se queria que ele lhe fizesse alguma coisa, aqui na terra; ao que Tingoccio respondeu que sim. Queria que Meuccio mandasse dizer missas e orações, e mandasse também fazer esmolas, visto que missas, orações e esmolas são muito apreciadas no além. Meuccio disse que acederia de muito bom grado aos seus pedidos. Tingoccio, então, despediu-se do amigo, começando a dissipar-se em seguida; Meuccio, nesse momento, recordou-se da comadre dele; e, erguendo um pouco a cabeça, indagou:

— Bem que me recordo agora, Tingoccio; pelo fato de você se deitar com a sua comadre, quando estava do lado de cá, que pena se lhe aplica no além?

A isso, Tingoccio explicou:

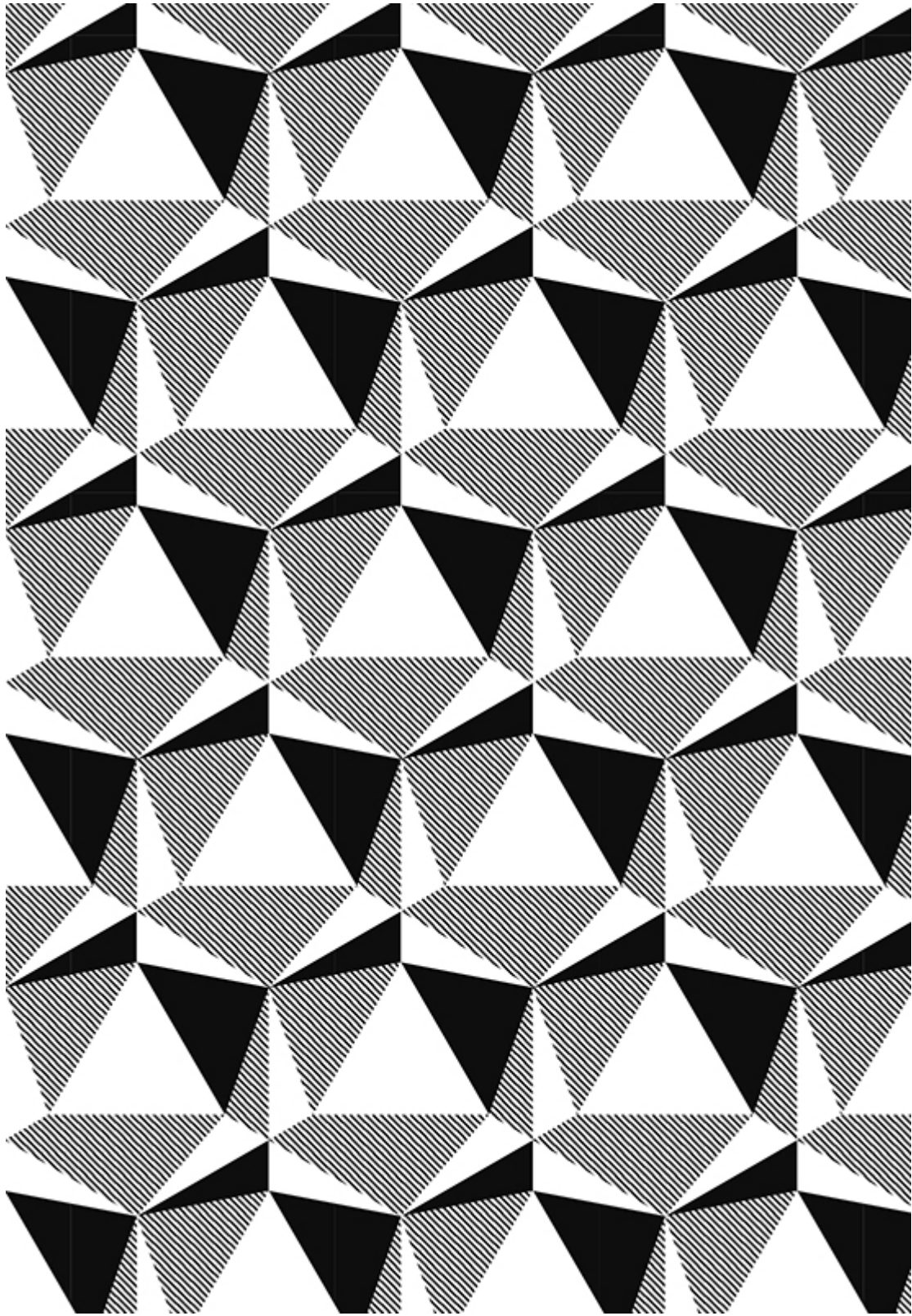
— Meu irmão: assim que lá cheguei, encontrei um indivíduo que parecia que conhecia de cor e salteado todos os meus pecados; esse indivíduo me ordenou que fosse chorar minhas culpas, e cumprir minhas penas, com grande amargura, num determinado lugar, onde me juntei a muitos companheiros condenados à mesma pena, pelos mesmos pecados. Estando eu entre eles, e recordando-me daquilo que já havia feito com a minha comadre, comecei a tremer todo, de medo; esperava, por causa daquilo, pena muito maior do que a que rente me foi aplicada; e isso apesar de eu estar no meio de um grande fogo, muito ardente. Um pecador, que se achava ao meu lado, percebeu o que se passava comigo; e perguntou: “Que é que você tem mais do que os outros que aqui se encontram, para tremer tanto estando no fogo?” “Oh”, disse eu, “tenho muito medo da punição de um pecado muito grande que cometi do lado de lá da vida.” O outro, então, me perguntou qual era o pecado; ao que eu expliquei: “O pecado foi de tal ordem, que eu me deitava com a minha comadre; e tanto com ela me deitei, que me escorchei todo.” Então, o outro, zombando de mim, disse: “Deixe disso, tolo! Fique tranquilo! Aqui não se dispensa a menor consideração às comadres!” Ao ouvir essa afirmativa, muito me senti tranquilizado.

Dito isso, e como a aurora já se apressasse, Tingoccio ainda explicou:

— Meuccio, trate de ir com Deus, pois eu não posso mais estar em sua companhia.

E, de súbito, dissipou-se em definitivo.

Meuccio, ao ter notícia de que, no além, nenhuma consideração se dava às comadres, começou a zombar de sua própria tolice, pois havia poupado várias das comadres que tinha; deixou, pois, de lado, a tolice, e começou a agir, dali por diante, como homem esclarecido. Se o frade Rinaldo houvesse sabido de tais coisas, não teria tido a necessidade de fazer silogismos, quando converteu a sua bondosa comadre ao culto dos seus prazeres.



SOBRE O AUTOR

Nascido em 1313, Giovanni Boccaccio foi um escritor florentino e uma das grandes vozes do Renascimento italiano. Embora sua família esperasse que ele seguisse os passos de seu pai e se tornasse um mercador, o jovem Boccaccio encantou-se pela obra de seu conterrâneo Dante Alighieri e tornou-se um estudioso especialista no assunto, sendo reconhecido como autoridade literária ainda em vida. Foi a partir de seus estudos que Boccaccio desenvolveu a própria escrita e inaugurou o gênero da prosa de ficção no Ocidente. Assim, é considerado o pai da narrativa europeia.

Em meados do século XIV, Boccaccio envolveu-se fortemente com o humanismo italiano, sendo enviado a missões em diversos locais da Europa. A partir desses cenários e da experiência da epidemia da Grande Peste que assolou, principalmente, Florença, escreveu *O Decamerão*, em que constrói ambientes e personagens em um estilo realista e inovador.

Giovanni Boccaccio faleceu em 1375, na comuna italiana de Certaldo, após anos sofrendo de disfunções cardíacas. Contudo, sua obra é grande influenciadora da literatura ocidental até os dias de hoje, tendo sido traduzida para dezenas de idiomas e adaptada para diversas mídias.

DIREÇÃO EDITORIAL

Daniele Cajueiro

EDITORA RESPONSÁVEL

Ana Carla Sousa

PRODUÇÃO EDITORIAL

Adriana Torres

Mariana Bard

Laiane Flores

REVISÃO

Alvanísio Damasceno

Perla Serafim

PROJETO GRÁFICO

Rafael Nobre

DIAGRAMAÇÃO

Futura

PRODUÇÃO DO E-BOOK

Ranna Studio